Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa, apresenta

O TOM DA ENCRUZILHADA

Ana Clara Ferraz

1ª Edição
Campinas
2022

ANA CLARA FERRAZ
Autora e Direção Editorial

BRENO LOESER
Ilustração

IRIS APOEMA
Projeto Gráfico e Diagramação

Copyright © 2022 by Ana Clara Ferraz

Elaboração da ficha catalográfica
Silvia Regina Shiroma
(Bibliotecária)

Tiragem
E-book (PDF)

Revisão textual
Sidnei Barreto Nogueira

Produção administrativa
Mariana Floriano

Projeto gráfico e diagramação
Iris Apoema
José Neto - Auxiliar

Registro do ISBN
Instituto de Artes – UNICAMP

Revisão
Vanessa Hassegawa

Ilustração
Breno Loeser

Comissão Editorial
Ana Clara Ferraz - Universidade Estadual de Campinas
Paula Caruso Teixeira - Universidade Estadual de Campinas

Catalogação na Publicação (CIP)

F413t
Ferraz, Ana Clara, 1992-
O tom da encruzilhada [recurso eletrônico] / Ana Clara Ferraz – Campinas, SP: Edição da autora, 2022.
1 recurso online: (57 p.) : il.

Modo de acesso: https://orin.art.br/
Publicação digital (e-book) no formato PDF.
ISBN: 978-65-00-57565-1

1. Exu (Orixá). 2. Arte e tecnologia. 3. Religiões afro-brasileiras. 4. Intolerância I. Ferraz, Ana Clara. II. Título.

CDD – 301.21
701

Bibliotecária: Silvia Regina Shiroma – CRB-8ª/8180

Publicação digital – Brasil
1ª edição - 2022
ISBN: 978-65-00-57565-1

BY NC SA
Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual CC BY-NC-SA

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam a você o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Projeto realizado com o apoio do Governo de
São Paulo e da Secretaria de Cultura e Economia Criativa
Programa de Ação Cultural - ProAC 21/2021

PREFÁCIO
SIDNEI NOGUEIRA

Falar de Èsù é sempre um ato subversivo, revolucionário, uma verdadeira transgressão às colonialidades e colonialismos. Como nos ensina Grada Kilomba, “O colonialismo é uma ferida aberta que nunca se fecha”; ele segue triunfante com vozes e ecos sempre satanizando para justificar a desumanização de existências e saberes. Exu também é um saber.

Também por isso, recebi, com muita alegria, o convite para ser o primeiro leitor e apresentar esta obra exuística, a um só tempo leve e de fôlego. Mas não posso me furtar de dizer que é sempre uma grande responsabilidade e honra ler uma obra em primeira mão e depois tecer, por meio da palavra escrita, suas primeiras impressões sobre o trabalho de outrem.

Ana Clara é Oxum, divindade das águas, da autoconfiança, do autoamor; “aquela que entra no mercado dançando sem se importar com quem está lhe vendo”. Oxum é a água que flui, a água que escorre, a água que adoça a terra, a água que refresca os nossos corpos; e é desse modo que, a também professora de música, Ana Clara escreve.

Não há título mais adequado para este tecido exuístico: o tom da encruzilhada. Também professora da palavra-cantada e encantada, Clara de Oxum soube bem encontrar o tom adequado para trazer as vozes dos terreiros com quem dialoga ao longo da obra para falar da mais controversa das divindades do panteão iorubá e dos espíritos encantados que, no Brasil, levam o mesmo nome: Èsù-Exu. Porque é ele mesmo, Exu que dá o tom da cantiga. Após encontrar o tom, são inúmeros os cruzamentos, os encontros e desencontros, os atravessamentos, as histórias e narrativas que se cruzam bem no centro da encruzilhada de Exu.

É do centro da encruzilhada que a escritora parte e é de lá que emerge o tom desta rede que nos leva a conhecer Exu da perspectiva daqueles que lhe conhecem, lhe respeitam, creem nele e convivem com ele cotidianamente, seja por meio dos rituais de Terreiro ou levando Exu para os seus cotidianos.

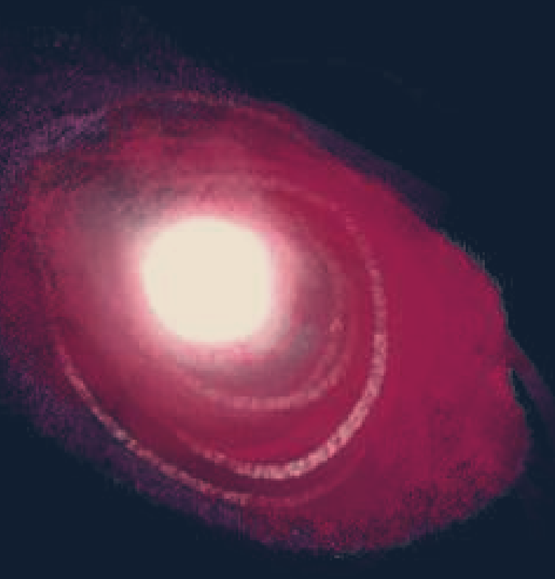
O que você, leitor, vai encontrar nesta obra é algo novo, doce, fresco e é também a verdade sobre Exu, porque a fala é também de quem dialeticamente lhe mantém vivo. Para estas pessoas, Exu é mais que uma divindade, mais que um espírito ou fantasma, mais que um demônio cristão; ele é tecnologia, canto e encanto, expansão e contradição existencial que nos habita.

Quem quiser conhecer Exu precisa navegar pelas águas de Oxum e a escrita de Ana Clara é esta água. Venha navegar com, por e através de Exu pela percepção de uma mulher de Oxum.

Laroyê!

Sidnei Nogueira.

SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

O TOM DA VIDA

AGÔ LAROYÊ EXU

ORIXÁS

HUMANOS

ÁFRICA, A 1ª CABAÇA

BRASIL, A 3ª CABAÇA

VOLTA AO MUNDO

CORPOS TERREIRO

EXU ENCANTADO

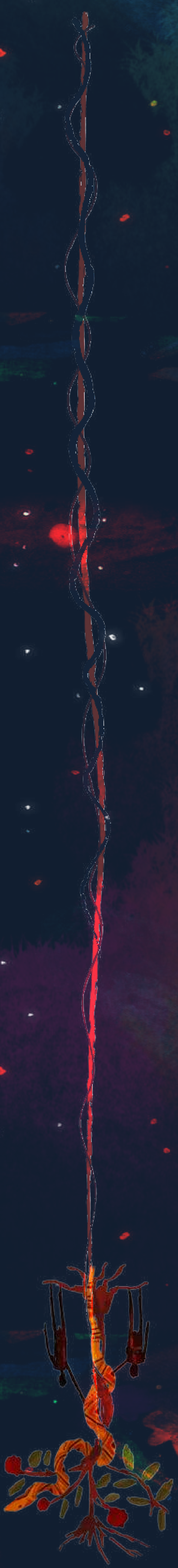
ENCRUZILHADA

NOTAS

AGRADECIMENTOS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ENTREVISTAS



Agradeço a Exu Yangui por
ter soprado essas palavras
nos meus ouvidos
e por ter usado minha
boca para a emissão de
suas palavras.
Agradeço ao Exu Bará que
faz morada em meu corpo
e que me faz suar e
soar minha linguagem
corporal e vocal.
Agradeço a Exu L'Onã, o
senhor dos caminhos, que
me pegou pelo braço
e me trouxe até o centro da
encruzilhada.
Laroyê

APRESENTAÇÃO

O Tom da Encruzilhada nasce da tentativa de desmistificar a figura de Exu. Sendo um recorte da pesquisa de Mestrado em Artes da Cena na UNICAMP, traz a contribuição original de Ana Clara Ferraz sobre Corpo e Voz através de uma epistemologia[1] de terreiro. Como escreve a autora: "Sendo o Axé[2] uma força de dinamização para os povos iorubás[3], esse trabalho toma corpo e voz quando eu me volto para o centro da encruzilhada, ao lado daquele que faz o erro virar acerto e o acerto virar erro, Exu". O ebook aposta numa linguagem poética e acessível para aproximar o orixá Senhor dos caminhos da leitora e do leitor. Foi ilustrado pelo designer sergipano Breno Loeser a partir da concepção imagética e editoração de Iris Apoema. Conta ainda com prefácio do Prof. Dr. e Babalorixá Sidnei Nogueira e posfácio da Profª. Drª. Paula Caruso do Departamento de Artes Corporais da UNICAMP. Esta obra é um convite a todas e todos para retornarem ao centro da encruzilhada.

O desenvolvimento do ebook e do ensaio documentário também se deu a partir de pesquisas de campo em terreiros de Campinas - Mãe Miriam de Oxum, de Suzano - Babá Sidnei de Xangô e de Hortolândia - Mãe Eleonora de Iansã. Contou ainda com o desenvolvimento da intérprete-pesquisadora por meio de laboratórios dirigidos pela orientadora, que também assina a direção artística do projeto. A metodologia principal utilizada na preparação para as pesquisas de campo, para a sua vivência e a análise dos resultados, assim como dos laboratórios de criação foi o método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI) concebido pela Prof.ª Dr.ª Graziela Rodrigues.

Essas ações fazem parte do projeto "Corpo e Voz: o tom da encruzilhada" aprovado no ProAC Editais 21/2021 da Secretaria de Estado da Cultura e Economia Criativa do Governo do Estado de São Paulo. É uma realização do Selo Cultural Orin e do Grupo de Pesquisa BPI e Dança do Brasil - Núcleo BPI - e conta com o apoio institucional do Departamento de Artes Corporais do Instituto de Artes da UNICAMP.

INTRODUÇÃO

Ofereço-te Exu
O ebó das minhas palavras
Neste padê que te consagra
(Abdias do Nascimento)

Minha pesquisa de mestrado no programa Artes da Cena na Unicamp, iniciada em agosto de 2020 sob orientação da Prof.ª Dr.ª Paula Caruso, resultou em um ebook e em um ensaio documentário que traz como protagonista o orixá Exu. A escolha de Exu partiu, principalmente, das inúmeras interpretações atreladas a ele e de como essa categoricidade nada mais é do que um pensamento colonial[4] de dominação que tenta apagar uma cultura de centenas de milhares de anos; uma campanha mal sucedida por sinal, já que estamos falando de Exu e que este não cabe no binarismo colonial ocidental cristão. Esse trabalho que vocês têm em mãos é um encontro de linguagens artísticas afro-diaspóricas tais como: a palavra cantada, a palavra dançada, a palavra tocada e em diálogo com culturas orais de tradição e do cotidiano, desse mesmo corpo que canta, dança, atua, vive e resiste.

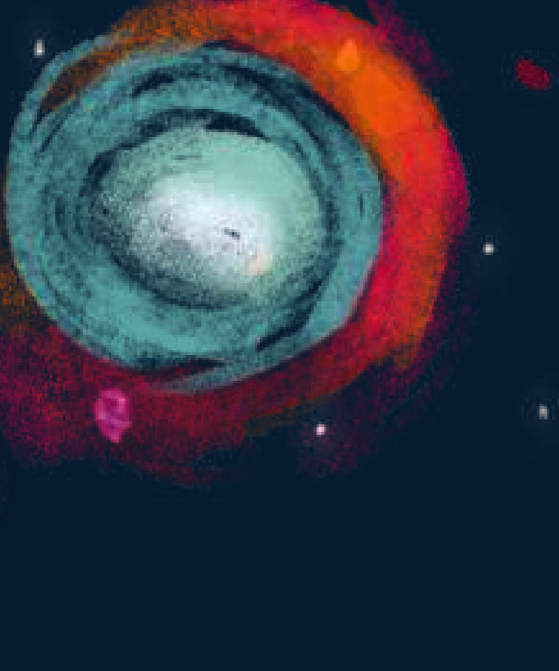
Conforme assinalado anteriormente, a pesquisa contou com entrevistas[5] e idas aos terreiros[6]. As entrevistas foram um primeiro contato com esses e essas dirigentes. Os encontros que tive com essas Mães e Pais de santo foi algo inexplicável; as entrevistas, realizadas no primeiro semestre de 2021, foram feitas com um olhar sensível e atento aos detalhes. A maioria delas foi realizada na modalidade online, pois não tínhamos naquele momento perspectivas para o retorno dos encontros presenciais. Fui muito bem recebida em todas as comunidades pelas quais passei, acolhida por Pais, Mães, irmãos e irmãs de santo. As casas me ofereciam sempre aquilo que elas tinham de melhor, como axé, solidariedade, fé, comida, companheirismo e acolhimento.

A sensação em comum que tive sobre os três terreiros é que são uma grande família. Muitas palavras são ditas com o olhar, com os passos acelerados, com um gesto, com um barulho que se escuta da cozinha. Os espaços que frequentei são espaços de amor, de alegria, de acolhimento à população LGBTQIAP+, de riquezas, de partilha, de comprometimento com o próximo. Mães e Pais de santo que morreriam pelos seus orixás, pelos seus filhos(as) e pelos seus netos(as) de santo.

Foram experiências ímpares e transformadoras, pois o campo é o lugar onde todos os seus sentidos estão apurados, é o lugar onde o segredo está nos detalhes. Observei cinestesicamente as dinâmicas do corpo e da voz, as excorporações[7] e incorporações, os sons, os cheiros, as comidas, as vestimentas, os objetos, as imagens, as sensações e as paisagens-cenário.

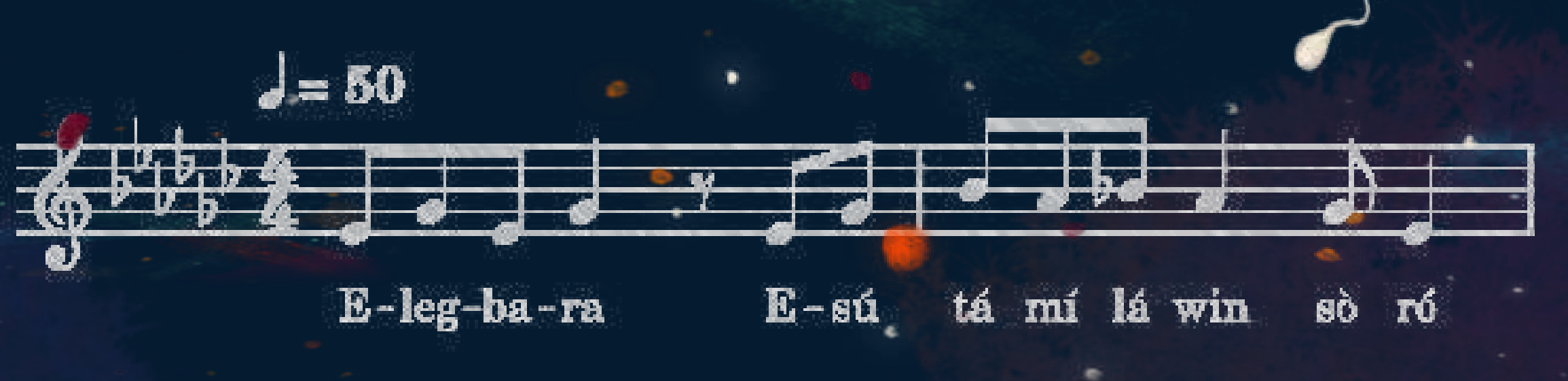
As idas aos terreiros foram como retornar ao centro da encruzilhada, onde me fizeram relembrar das minhas escolhas e do que realmente é importante neste momento. Há muito tempo eu não me sentia parte de uma comunidade, mesmo que eu só tenha ido aos terreiros como pesquisadora.

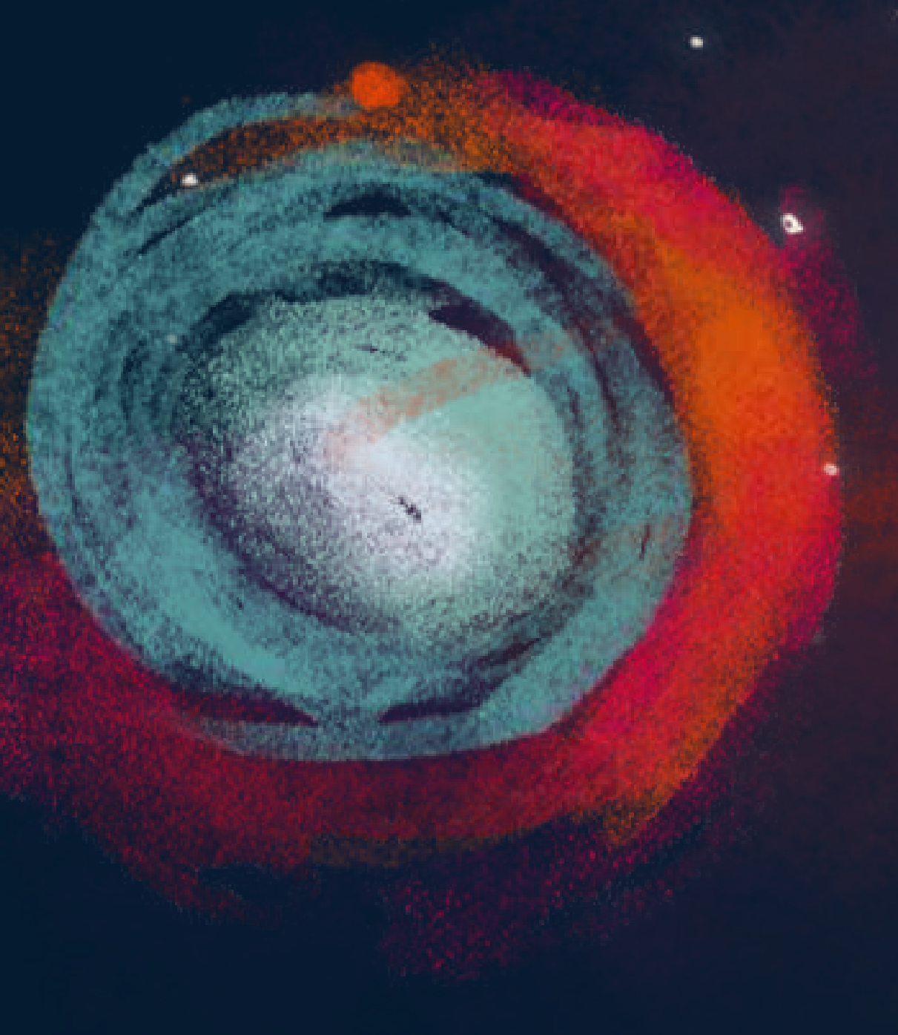
Há, contudo, um fenômeno inexplicável nesses espaços, há uma capacidade de tecer teias e, de certa forma, eu sou incorporada a essa teia e passo a fazer também parte dela. **O terreiro é uma grande árvore em expansão, suas raízes nasceram em África e estão conectadas a nós pelo núcleo da terra. A rede de comunicação entre humanos e os orixás é feita por essas raízes ancestrais, de dentro para fora, onde nós, humanos, somos as sementes que poderão, um dia, florescer e fazer a viagem de volta e este núcleo primário da Terra.**



O TOM DA VIDA

ELEGBARA ESÚ





Olódumarè é o Senhor do universo - a força criadora ou a pré-existência, o centro da encruzilhada. No começo de tudo, Ele vivia em sua casa sagrada, **Egbé Òrun**, que é o mundo invisível.

Antes de conhecermos a Terra como ela é hoje, o universo era uma esfera, uma grande encruzilhada, significando o tudo e o nada ao mesmo tempo. Tudo era escuro, frio e quieto dentro dessa esfera, embora ela seja constituída de matéria, com partículas fundamentais que passam a se organizar e a criar os primeiros átomos. Essa organização só foi possível graças ao movimento e ao tom da vida designados por Olodumare.

Dada essa movimentação, os primeiros raios de luz são criados... Luz é calor e calor gera energia... até que BUM... essa esfera sofre uma grande explosão, o big bang!

O universo pode ser representado por uma grande cabaça, a cabaça útero ancestral que se rompe.

Os elementos sagrados dessa cabaça vão se espalhando pelo universo, criando, assim, o sistema solar, as estrelas, os planetas e toda a vida que há no universo.

> *Exu está relacionado aos buracos negros, que absorve a luz, que engole a luz. Exu está relacionado também com a explosão que dá origem às super novas, às novas estrelas, às novas constelações e às novas galáxias. Exu como potência criadora do universo (...) eu compreendo Exu como um grande buraco negro, sabe? Que engole a luz... quando a função da luz se esgota, mas também permite que a luz se expanda.* (Baba Andson)

Olodumare com seus movimentos vagarosos no Egbé Òrun ou Orun, com **o tom da criação** e, juntamente com a água e com o ar, cria Obatalá ou, em um nome mais popular, ele cria Oxalá, o grande orixá do branco.

Esse tom existencial e esses movimentos continuam no egbé òrun e, a partir da junção de água e de terra, dão forma a um barro vermelho que se solidificou e formou uma pedra avermelhada de laterita. A pedra foi a primeira matéria que teve uma forma em todo universo. Essa junção representa **Exu Yangui, o primeiro de todos os Exus**, que através da unificação de elementos cósmicos foi o primogênito da criação. Exu é o primeiro filho de Olodumare.

O princípio de Exu, que é o movimento, nasce antes dele nascer...

Oxalá, Pai da criação, foi o primeiro a surgir, mas, o primeiro a ter uma forma concreta, por Olodumare, foi Exu Yangui.

Ao perceber que faltava preencher esses espaços, Olodumare deseja outras formas de vida. Assim, sendo Oxalá o Pai da criação, Olodumare o incumbe da missão de criar a Terra.

Egbé Òrun é a casa de Olodumare, dos orixás, e é também onde se encontra a nossa família espiritual, os ancestrais.

Egbé Aiyé é um mundo visível, onde nós nos encontramos agora, *aiyé*[8], do iorubá, que pode ser traduzido como terra.

Olodumare é o ser que tudo criou. Ele é constituído de uma inteligência, de uma consciência, assim como a maioria dos seres racionais. *Orumilá*, juntamente com *Odu* (destino), é o nome dessa inteligência, é a consciência da força criadora. Essa inteligência está na interpretação do oráculo de *Ifá* (jogo de búzios), está nos *ìtàn* (histórias), nos *Oríkì* (rezas), nas danças e nos provérbios.

Pois bem, Oxalá foi consultar Orumilá, que é a entidade responsável pelo jogo adivinhatório do Ifá, e ele diz a Oxalá: Você pode ir criar o mundo, mas antes você precisa fazer uma oferenda a Exu Yangui....

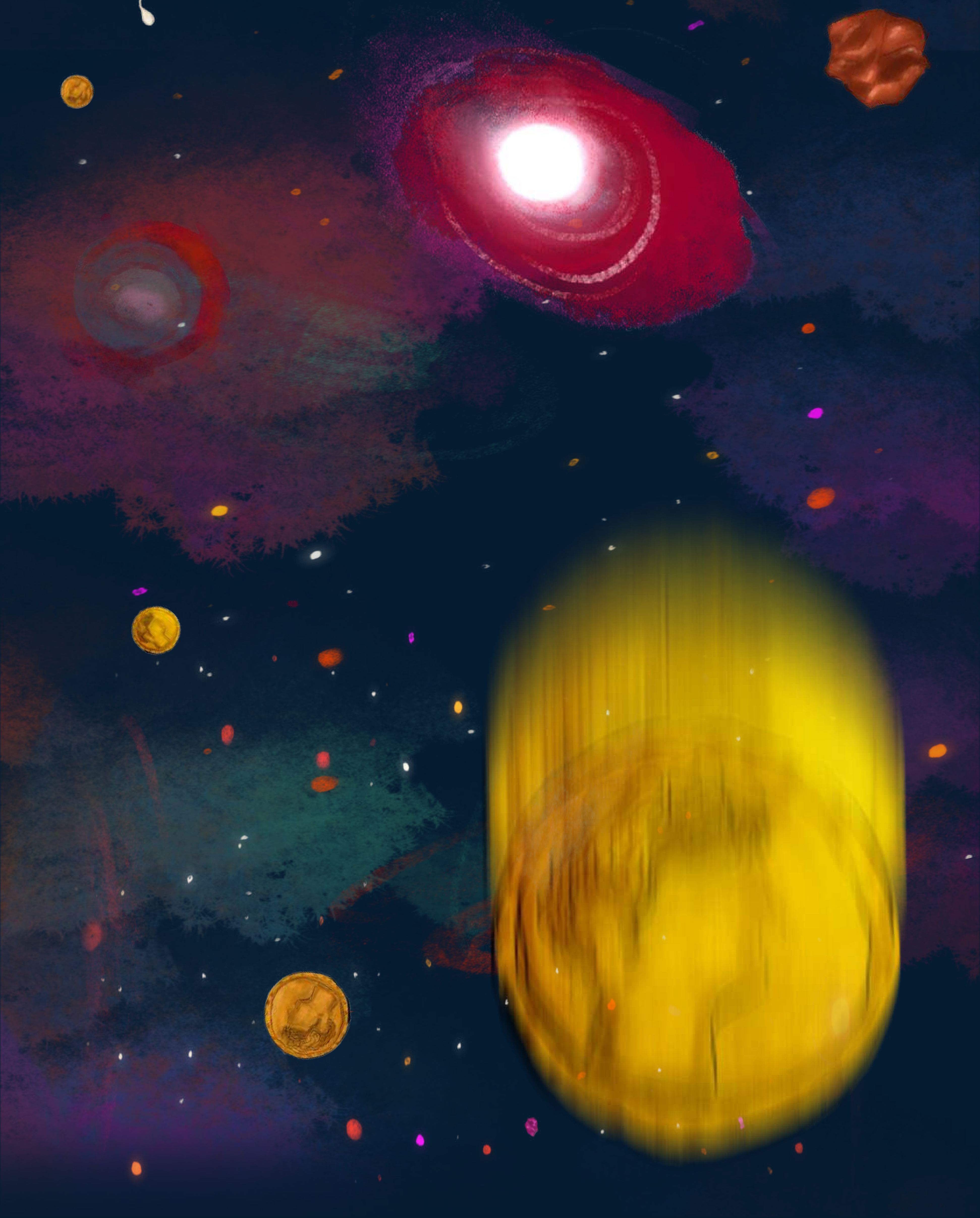
Oxalá não deu ouvidos a Ifá e não fez a oferenda para Exu, assim como a inteligência de Olodumare, Orumila, tinha aconselhado.

Exu é o senhor dos caminhos, na verdade ele é o próprio caminho....

Seguindo o caminho sem ofertar a Exu, a jornada de Oxalá não se concretizou...

No percurso, *Odudua*, orixá da terra, em contraponto com Oxalá que é orixá do céu, encontra o saco da criação dado a Oxalá por Olodumare, oferece os devidos *ebós*[9] a Exu e cria o mundo no lugar de Oxalá.

Odudua significa "a cabaça de onde jorrou a vida".



AGO
LAROYÊ
EXU

Exu
um Orixá presente,
sempre!

Mensageiro.
Orixá?
Guarda as
encruzilhadas,
as ruas.

Sem ele,
não há
comunicação
entre humanos
e entre Orixás

Pois o culto
a cada orixá
depende dele,
que tem a função
de mensageiro.

Exu
Legba,
Bará
Eleguá

sem Exu
não se move
não se muda
não se reproduz

não tem troca
não tem venda
não tem voz

não se entra
não se sai
não fecunda

Agô significa licença e Laroyê é a saudação que a gente usa para Exu que significa: salve o mensageiro.

Exu é o orixá das possibilidades, da abundância, e foi através dos seus ensinamentos que essa pesquisa pôde tomar Corpo e Voz.

Exu é aquele que nasceu antes da própria mãe, é aquele que faz o erro virar acerto, é aquele que uniu as três cabaças, é aquele que zomba e dá gargalhada dos problemas mundanos. Exu é silêncio, é som, o dito e o não dito, ele matou um pássaro ontem com uma pedra que somente hoje atirou, ele é a distorção entre tempo e espaço, forma e percepção. Ele habita dentro de nós, nas encruzilhadas e, principalmente, habita o mercado, onde são feitas as trocas, a barganha. Exu será sempre o primeiro orixá a ser referenciado, pois, se isso não acontece, a gira ou o xirê não inicia. Ele é o orixá das trocas, ele não abre caminho, mas é o próprio caminho e, nesse caminho, é o porteiro. Portanto, nós damos de comer a Exu em primeiro lugar, antes de começar o rito, com padê, animais de corte, gin, mel e dendê. O papel de mensageiro de Exu foi designado por Olodumare, pois nenhum outro orixá era capaz de se movimentar como Exu. É ele quem dinamiza nossas existências e conecta o ayê e o òrun. Sem ele, os orixás e humanos não podem se comunicar.

Exu é o primeiro filho de Olodumare, então ele é o primeiro filho da força criadora. Ele é a boca que tudo come e que tudo comeu, inclusive, para nos dizer que podemos saborear o mundo. (Baba Sidnei, 2021)

O orixá Exu é uma divindade africana que migrou junto com os escravizados para o Brasil e, portanto, o culto a esse orixá existe tanto em África quanto nas Américas. Foi com esse orixá, Exu, que os europeus tiveram o primeiro contato em África e que passou a ser associado ao diabo cristão. Assim, Exu foi demonizado antes mesmo de chegar ao Brasil, e nós precisamos desmistificá-lo.

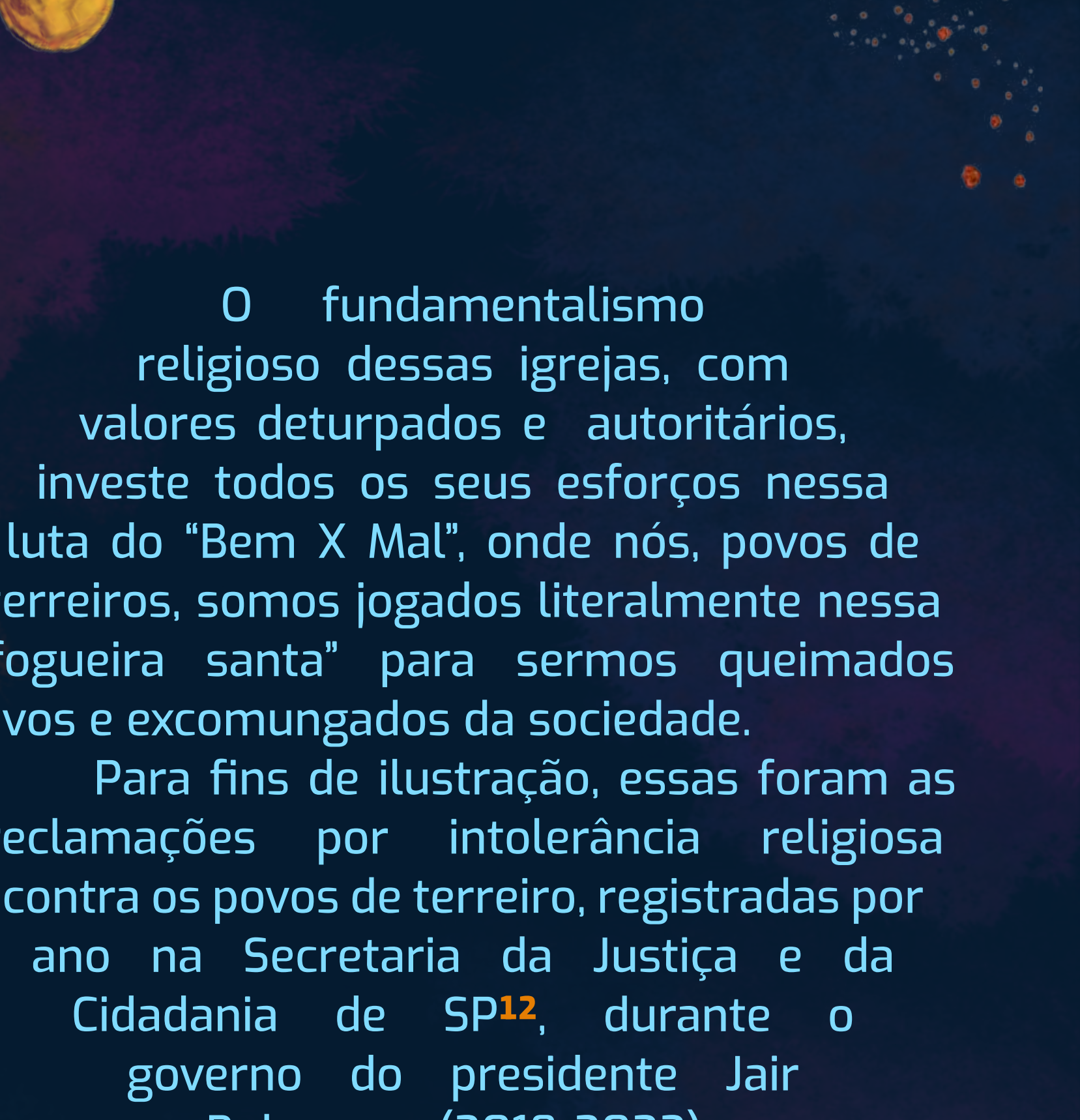
Tudo em Exu é ao mesmo tempo transitório, Exu está em trânsito sempre. Ele, por ser Exu, é mais do que parece ser. Por isso que qualquer tentativa de significá-lo, não vai dar conta. (Baba Sidnei, 2021)

Os brancos colonizadores europeus e, no caso do Brasil, os portugueses, criaram uma associação entre a figura do diabo cristão e a figura de Exu, partindo de um pressuposto central: a dominação da fé através do medo. A igreja católica no período colonial, entre 1530 e 1822, necessitava de um "mau", de um ser maldoso, pois para existir um "Deus salvador", era necessário que existisse um "Diabo".

É interessante a gente pensar que: o culto aos orixás existe há mais de cinco mil anos em África e o cristianismo existe há dois mil anos, ou seja, os iorubás desconhecem a figura do diabo, pois essa figura de Lúcifer só existe no cristianismo e no protestantismo. Dentro da filosofia e das práticas do terreiro, não existe um diabo[10] e muito menos um inferno.

Em nenhum momento na bíblia católica, Exu é citado como diabo, satanás.

Infelizmente, por conta da ascensão das igrejas neopentecostais[11] no Brasil, a associação de que Exu é o diabo ganhou muita força nas últimas décadas. Na verdade, a maioria das igrejas neopentecostais prega que todas as coisas ligadas aos terreiros de umbanda e de candomblé são do demônio.



O fundamentalismo religioso dessas igrejas, com valores deturpados e autoritários, investe todos os seus esforços nessa luta do "Bem X Mal", onde nós, povos de terreiros, somos jogados literalmente nessa "fogueira santa" para sermos queimados vivos e excomungados da sociedade.

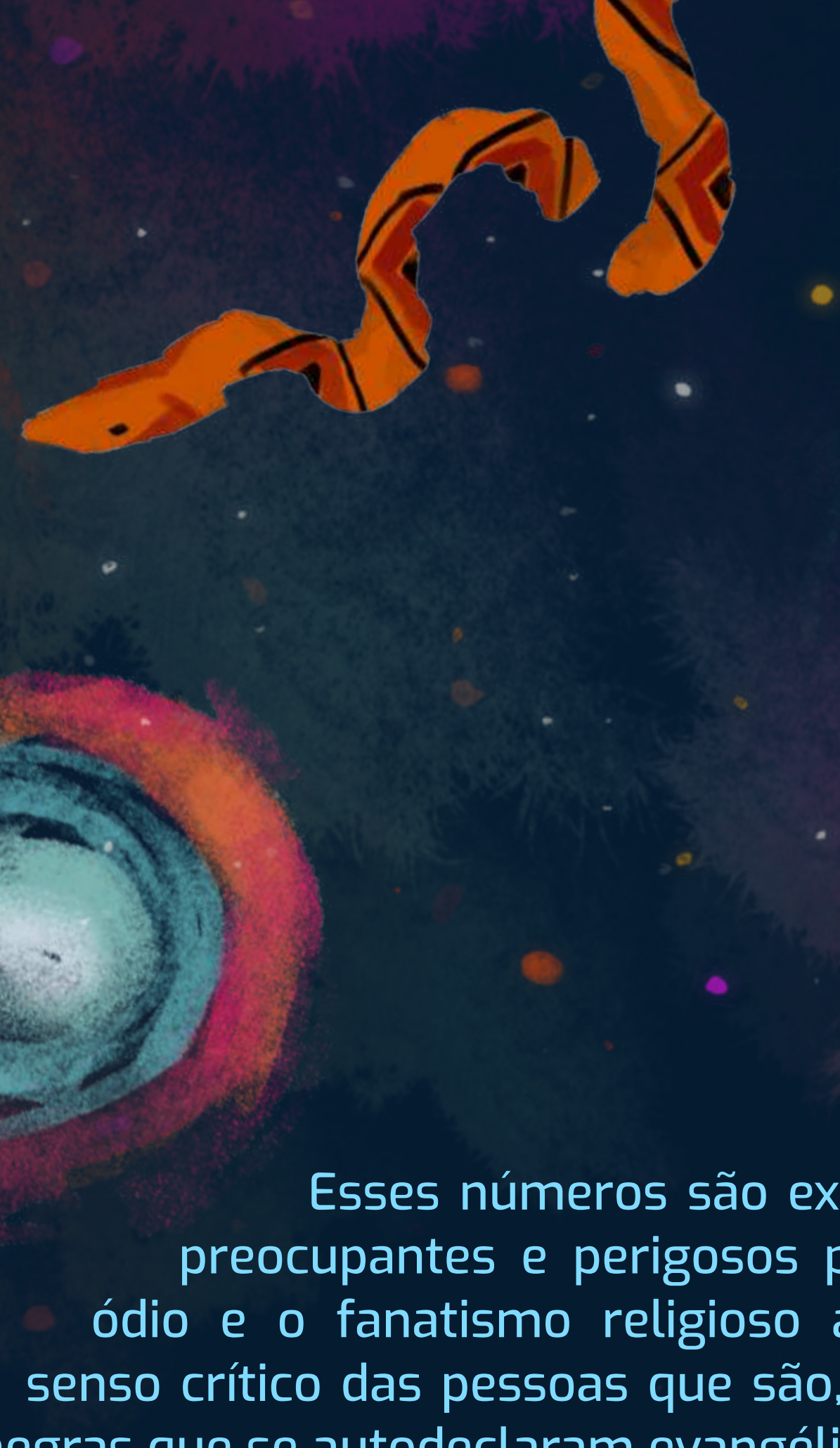
Para fins de ilustração, essas foram as reclamações por intolerância religiosa contra os povos de terreiro, registradas por ano na Secretaria da Justiça e da Cidadania de SP[12], durante o governo do presidente Jair Bolsonaro (2018-2022):

Reclamações por **Intolerância** *Religiosa*

2019 - **17**
2020 - **245**
Aumento de **1341%**
em relação a 2019

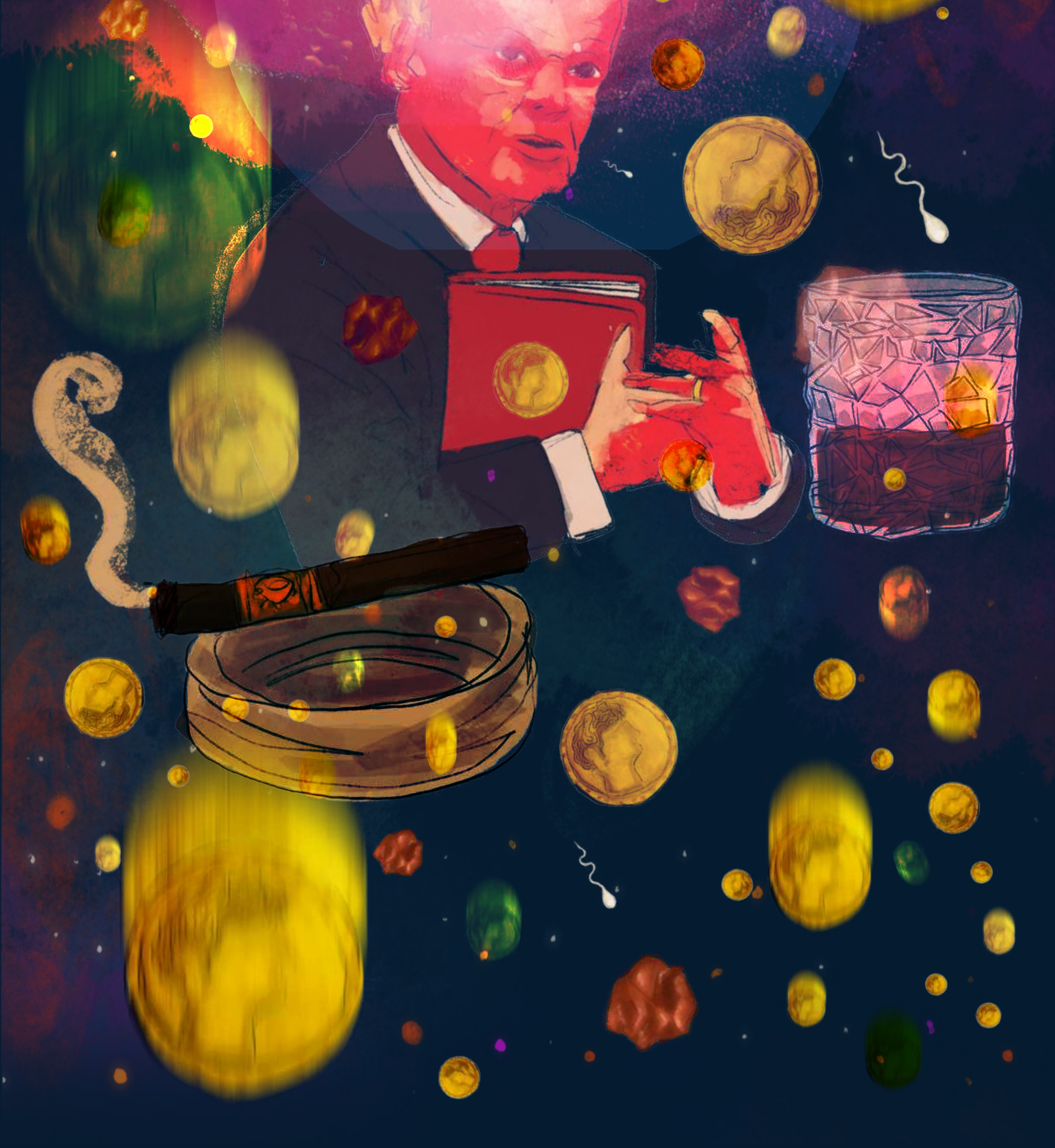
2021 - **210**
Queda de **21%**
em relação a 2020
mas aumento de **1135%**
em relação a 2019

2022 - **110**
em um semestre, **52%**
dos casos registrados
em 2021 e **547%**
superior ao registro
total de 2019



Esses números são extremamente preocupantes e perigosos pois o discurso de ódio e o fanatismo religioso afetam diretamente o senso crítico das pessoas que são, em sua maioria, pessoas negras que se autodeclaram evangélicas.

A questão não é se a pessoa é de umbanda, candomblé, espírita, católica ou evangélica, e sim que as religiões de matriz africana não são proselitistas, ou seja, nós não temos o interesse em converter e catequizar as pessoas às nossas crenças. Nós, povos de terreiros e os povos originários, só queremos poder existir e ter a liberdade de crença que nos é garantida pela Constituição Brasileira de 1988[13].



ORIXÁS

Os orixás são divindades de origem africana, mais precisamente, divindades cultuadas pelos povos iorubá. Os orixás são parte de uma força criadora que tudo criou, Olodumare. Ele os criou a favor de um equilíbrio planetário que inclui a própria natureza e a nós seres humanos. Olodumare dividiu os orixás de acordo com o que eles são e o que eles representam, por exemplo: Iemanjá é todas as águas, Oxalá é o ar, Xangô simboliza os trovões, Oxum é a água doce e assim por diante.

Cada ser humano conta com um orixá pessoal, Ori, que significa cabeça. O Ori é responsável pela nossa subjetividade e pelo nosso inconsciente. Ele mora dentro de nossas cabeças e nos torna aquilo que somos hoje. O Ori deve ser referenciado antes, na busca de um equilíbrio energético, físico e emocional. No entanto, quando Ori está menos fortalecido, no Candomblé e em algumas Umbandas, existe uma cerimônia de equilíbrio de Ori, a que dá-se o nome de Bori (bo = oferenda, ori = cabeça => dar de comer a cabeça, oferendar, fortalecê-la).

Em paralelo ao Ori, o corpo humano tem em sua composição vários elementos naturais em diferentes proporções como água, alguns metais e gases. Sendo, portanto, os orixás elementos que compõem a natureza, cada pessoa, além do Ori, conta com uma divindade da natureza, habitando em seu interior. Para os adeptos do Candomblé, há um processo iniciático para que o corpo possa excorporar o seu orixá interno.

No Brasil, nós cultuamos em média 18 orixás e, em África, existem mais de 200.

De uma maneira bem simplificada, esses são os principais orixás que cultuamos no Brasil:

ORIXÁS

EXU	*Mensageiro, guardião e reprodução*
OGUM	*Orixá da guerra e do ferro*
OXÓSSI	*Orixá da caça e da fartura*
XANGÔ	*Orixá do fogo e do trovão*
OBALUAIÊ	*Orixá das doenças*
LOGUN EDÉ	*Orixá da caça e da pesca*
OXUMARÉ	*Orixá da chuva e do arco-íris*
OSSAIN	*Orixá das folhas sagradas e dos animais*
OXUM	*Orixá das águas doces e concepção*
IEMANJÁ	*Dona de todas as cabeças e de todas as águas*
IANSÃ	*Orixás dos ventos, raios e tempestades*
NANÃ	*Grande matriarca, Orixá da água barrenta*
YEWÁ	*Orixás das matas virgens*
OBÁ	*Dona das guerras e das águas revoltas*
IBEJI	*Crianças gêmeas*
OTIN	*Orixá da caça, das guerras e da floresta*
OXAGUIÃ	*Orixá guerreiro e da movimentação*
OXALÁ	*Orixá da paz e do ar*

A **incorporação** é um termo usado na prática espírita do francês Allan Kardec que, através do sincretismo religioso que existe no Brasil, chegou até a Umbanda, inicialmente, e depois ao Candomblé, muitos anos atrás. Em harmonia com os pensamentos de Babá Sidnei a respeito desse assunto, existem na Umbanda e no Candomblé a incorporação de seres ancestrais que nós chamamos de encantados, como os Exu entidade, Preto-Velho, Caboclo, Pombagira, entre outros.

Existe também a excorporação quando se trata de orixá. O candomblé e a umbanda são religiões que cultuam os orixás iorubanos e partem da premissa de que você é - e se torna seu orixá - após um processo iniciático. É, portanto, um movimento de dentro para fora: o orixá está dentro de você; através do transe de excorporação você o manifesta para fora, corporalmente, por meio da dança e da sonorização de vocais, gritos e interjeições.

O orixá vem até nós através de uma energia de evocação, no toque do atabaque e no canto. Ele vem e dança contando a sua história. O orixá conta a sua história, os seus atos são itans dançados, isso é muito importante. (...) A musicalidade tem muita importância e a dança também, porque quando o orixá se manifesta, ele se manifesta através da dança, mas também contando quem ele é. (Mãe Eleonora)

A prática de **incorporação espírita** pode se assemelhar **teoricamente** com a prática de incorporação da Umbanda e do Candomblé, pensando nesse movimento de fora para dentro. Porém, de uma forma ritualística e em uma cosmopercepção afro-brasileira, em nada se assemelham, porque a incorporação na Umbanda e no Candomblé têm como finalidade promover um encontro ancestral. Trata-se de uma prática que cultiva e nutre os espíritos ancestrais, enquanto que no espiritismo não há necessariamente esse encontro com um ancestral, ou seja, algum espírito que está diretamente ligado a você e à sua família.

Exu é o senhor
dos *caminhos*,
na **verdade** ele é
o *próprio* caminho...

Ao percorrer o caminho que levava até o aiê sem ofertar a Exu, a jornada de Oxalá não se concretizou... Quando Odudua viu que Oxalá não ia dar conta de criar o mundo foi consultar Ifá e fez suas oferendas a Exu. Seguindo os conselhos dos babaláwos, ela trouxe a Exu cinco galinhas - das que têm cinco dedos em cada pata -, cinco pombos, um camaleão, dois mil elos de cadeia (correntes) e todos os outros elementos que acompanham o sacrifício. Exu apanhou estes últimos juntamente com uma pena da cabeça de cada ave e devolveu a Odudua a cadeia, as aves e o camaleão vivos, pois esses animais seriam necessários para a criação do aiê.

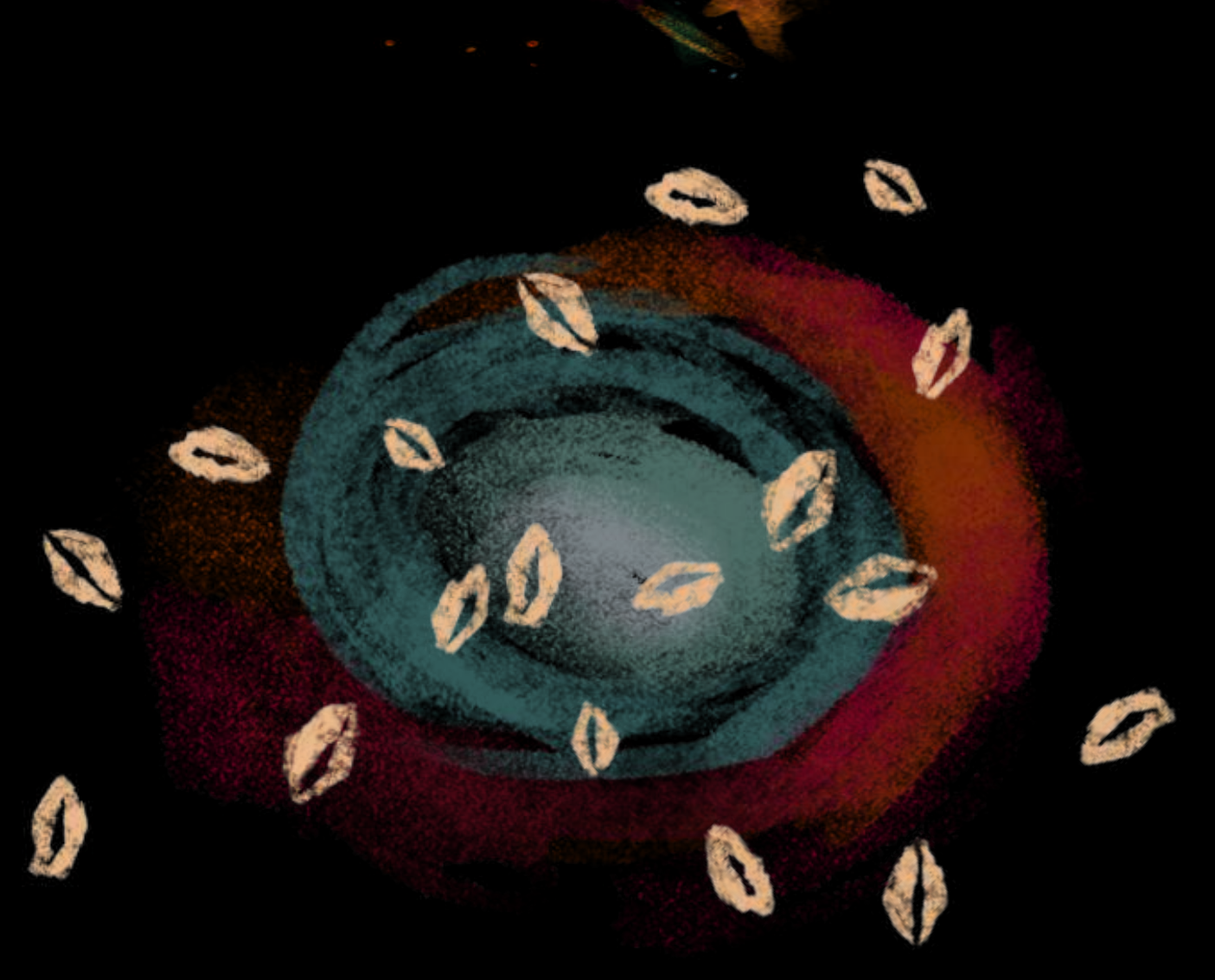
E Odudua partiu na expedição. Chegando diante do pilar que une o orun e aiye (òpó-órun-oún-àiyé), lançou a cadeia de dois mil elos e desceu até o ponto exato da criação do mundo (òrun àkàxò). Em seguida, ainda pendurada, jogou a terra e mandou que a galinha de cinco dedos a espalhasse; determinou que o pombo a semeasse e fez com que o camaleão, com sua prudência, colocasse pé ante pé e fosse verificar se a terra estava segura e firme. E então, Odudua pisou no mundo. Sua primeira pegada é chamada de esè ntaiyé Odùduà. Odudua fundou desta forma a cidade de Ilé-Ifè, o berço da civilização Yorubá, que se espalhou para o resto do mundo.[14]

Depois de terminada a criação, Oxalá despertou de um sono profundo e foi pedir desculpas para Olodumare. Olodumare disse a Oxalá: "O mundo já está criado. Perdeste uma grande oportunidade".

Mas a missão não estava ainda completa e Olodumare deu outra dádiva a Oxalá: a criação de todos os seres vivos que habitariam a terra. E assim Oxalá criou todos os seres vivos e criou o homem e a mulher. Oxalá modelou em barro os seres humanos e o sopro de Olodumare os animou. O mundo agora se completara, e todos louvaram Oxalá. (PRANDI, 2001)

ÁFRICA,

A 1ª CABAÇA



Historicamente falando, a África foi o centro da encruzilhada da humanidade; toda a humanidade compartilha de um passado geográfico comum: a África. Daí ser África a primeira cabaça no aiê, representada por um útero gigante e ramificado que deu a vida aos humanos.

A África não foi somente a placenta que carregou os humanos, mas também o berço de grandes civilizações como o império Zulu, o império do Mali, o império do Benin, o império de Gana e o império dos egípcios. Ela é também a mãe da Filosofia, da Arquitetura, da Ciência, das Artes, da Medicina e, principalmente, a Rainha do Comércio. O continente africano viveu milhares de anos de abundância e prosperidade e sabia fazer comércio internacional muito bem, inclusive com os europeus e os árabes.

ÁFRICA, A 1ª CABAÇA

Nessa África que antecede os colonizadores, assim como na Grécia e na Roma antigas, existia já o tipo de trabalho realizado por mão de obra escravizada; a título de exemplo, a escravidão ou peonagem por dívida, aquela em que o cidadão era submetido ao trabalho compulsório para sanar o que devia.
Outro tipo comum de escravização eram os escravos de guerra ou escravos de conquista: quem ganhava a guerra poderia fazer de escravos um grupo de homens e de mulheres. O grupo vencedor, em geral, escolhia os melhores guerreiros e guerreiras, pois em um eventual futuro confronto guerra, seriam essas as pessoas de maior utilidade. Essas ações eram, contudo, pontuais, não aconteciam a todo tempo, assim como o número de pessoas mantidas como escravas era pequeno comparado à escravização nas Américas.

Quando da chegada dos europeus em solo africano no séc. XV, o comércio entre africanos e europeus era baseado em ouro, especiarias, sal e couro. Destaquemos, porém, dentre os europeus, o povo Português que enxergou no tráfico e comércio de escravos um alto potencial de lucro.

O surgimento dos europeus causou uma desordem em diversos pontos do continente africano que levou "[a]s elites africanas a facilitarem o comércio de escravos". Elas ficaram muito dependentes da importação de mercadorias européias - como armas, artigos de consumo e de luxo. O que tinham para dar em troca, e que os europeus aceitavam, era sobretudo mercadoria humana. Isso foi desastroso para a África, porque era uma troca altamente desigual - produtos manufaturados por pessoas[15], afirma Arlindo Manuel Caldeira.

De quem é a ~~culpa~~?

Obviamente que alguns reis e rainhas africanos se beneficiaram dessa troca injusta, porém, nesse momento o comércio de escravos já estava totalmente nas mãos de Portugal, que lucrava e pressionava os povos africanos para esse formato comercial.

Os portugueses se instalaram em diversos pontos do continente africano e fizeram **do tráfico de escravos a sua principal e mais lucrativa atividade econômica por anos.**

Ao longo de três séculos, diversos grupos étnicos foram trazidos da África Ocidental, Oriental e Equatorial para as Américas. **A maior diáspora[16] africana fora de África aconteceu no Brasil; foram cerca de cinco milhões de africanos e africanas que atravessaram o Atlântico na condição de escravizados, entre os séculos XVI e início do século XIX.** Os navios portugueses ou brasileiros embarcaram escravos em quase 90 portos africanos, fazendo mais de 11,4 mil viagens negreiras. Dessas, 9,2 mil tiveram como destino o Brasil[17].

A escravização só foi possível devido ao conceito criado por europeus sobre Raça; como diz o sociólogo português Boaventura de Souza Santos:

"O problema do mundo é a questão étnica"

O que isso quer dizer? Que os europeus, no contato com as culturas africanas, não compreendiam o sistema social que ali existia. Reparem, estamos falando de um outro continente, de outros povos e que tinham deuses diferentes, línguas diferentes, que tinham comidas diferentes, costumes e valores diferentes.

Então, sob pretextos racistas e religiosos, os europeus "entendem" que os povos de origem africana, negros e negras, pertencem a uma sociedade menos evoluída. Uma vez que não viviam segundo os moldes sociais e culturais ostentados pela Europa naquele momento e baseada no fato de estes não serem cristãos e não servirem ao Deus romano, a igreja católica dá o aval e legitimava em seus sermões a escravização de povos africanos. A participação da igreja católica incluía o financiamento, juntamente com o Estado e as corporações privadas, das expedições de exploração a outros continentes.

BRASIL,
A 3ª CABAÇA

Ifá ensina que em certa feita Exu foi desafiado a escolher entre duas cabaças, qual delas levaria em uma viagem ao mercado de Ifé. Uma continha o bem, a outra continha o mal. Uma era remédio, a outra era veneno. Uma era corpo, a outra era espírito. Uma era o que se vê, a outra era o que não se enxerga. Uma era palavra, a outra era o que nunca será dito.

Exu pediu imediatamente uma terceira cabaça. Abriu as três e misturou o pó das duas primeiras na terceira. Balançou bem. Desde este dia, remédio pode ser veneno e veneno pode curar, o bem pode ser o mal, a alma pode ser o corpo, o visível pode ser o invisível e o que não se vê pode ser presença, o dito pode não dizer e o não dito pode fazer discursos vigorosos.

Exu virou assim o ***Igbá Ketá:*** *Senhor da Terceira Cabaça. É com ela que ele caminha pelo mercado, com o passo gingado, o filá, o cachimbo e o flautim.*

Vez por outra, Exu retira um pouco do pó da cabaça, sopra entre as mulheres e os homens e sempre nos desafia a serpentear com coragem, como a cobra coral de três cores que lhe pertence, as entranhas devastadas e incertas do mundo para o desafio da beleza. (Luiz Antonio Simas)

Um fato muito distorcido que a gente aprendeu na escola foi de que o Brasil foi descoberto. NÃO! Ele não foi descoberto, ele foi invadido, foi saqueado, foi estuprado e foi devastado pelos portugueses. Por aqui, na Pindorama - nome dado pelos povos originários -, já se encontravam as populações: Karajá, Bororo, Pataxó, Nambikwara, Macro-jê, Aruaque, Kaigang e Yanomani. Acredita-se que a população originária do Brasil antes da chegada dos genocidas[18] europeus, era de mais de três milhões de pessoas, e hoje esse número beira a 800 mil.

Eu escolho pensar no Brasil como uma terceira cabaça, sendo a África a primeira, a Pindorama, juntamente com os portugueses, a segunda. Ao juntar essas duas cabaças, resultam em uma terceira que é o Brasil, um país afro-luso-ameridio de proporções continentais.

Exu é a terceira cabaça, a terceira cabaça que mistura dois conteúdos complementares, para a gente não saber a linha entre o que é fértil o que é estéreo, o que é desafiador, o que é "bem e mal". Então, justamente, ele é a ausência da dicotomia, não é? (Baba Sidnei)

VOLTA AO MUNDO

Berimbau falou comigo
Em noite de lua cheia
Exu anda ao meu lado
Na vida e na capoeira

Tudo na vida é encruze
Assim que se deve jogar
Esse mesmo corpo que apanha
É o mesmo que me faz levantar.

Exu é guardião
Ele é meu orixá
Nele eu tudo posso
É só pedir que ele te dá

Meia lua, rasteira e pisão
Não pode faltar
A mandinga nesse jogo
É Bará que vai lhe dar
Refrão

Toda segunda eu acendo
Uma vela pro meu orixá
Rezo pro meu mestre
Pra capoeira nunca faltar

Berimbau falou comigo
Em noite de lua cheia
Exu anda ao meu lado
Na vida e na capoeira

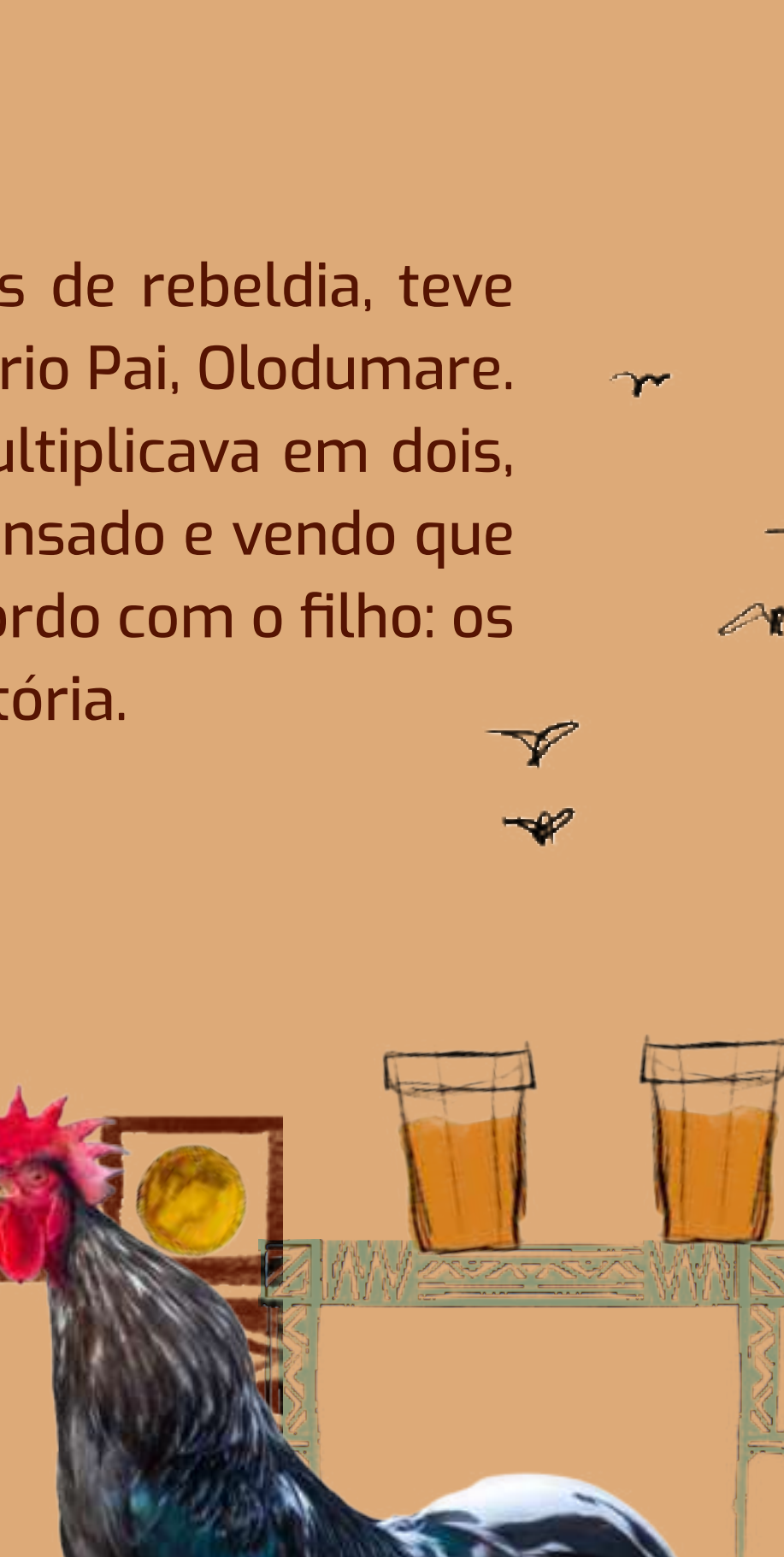
Ana Clara Ferraz

Tem um itan[19] de Exu que, por motivos de rebeldia, teve como punição ser cortado ao meio pelo seu próprio Pai, Olodumare. Toda vez que Olodumare cortava Exu, ele se multiplicava em dois, até que chegou ao número de 201 pedaços. Já cansado e vendo que era impossível matar Exu, Olodumare fez um acordo com o filho: os dois cumpriram a sua parte do trato e fim da história.

O Brasil é o país da benção e da maldição!

Da benção porque mesmo depois de tudo que os negros passaram e continuam passando, nós ainda somos a maioria da população brasileira, e o Brasil só é Brasil por causa dos africanos.

Da maldição para aqueles que desejavam que o Brasil fosse uma "Europa tropical", onde os valores, cultura e modo de viver fossem europeus. Esse pensamento existe até hoje, inclusive entre negros, porém, graças a Exu, falhou miseravelmente.



Sendo assim, e talvez inconscientemente, nossos ancestrais tenham nos ensinado a melhor arma para lutar contra o colonialismo: o nosso próprio corpo.

Exu é corpo, Exu é movimento e o colonizador sabia desse poder desde o princípio. Pois esse mesmo corpo que é espancado e morto pela polícia - lê-se Estado (necropolítica[20]) -, é o mesmo corpo que dá uma rasteira e sobrevive sendo mais de 54% da população brasileira[21]. Ainda que, a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil[22]. São esses mesmos corpos que estão na universidade, vos falando neste exato momento.

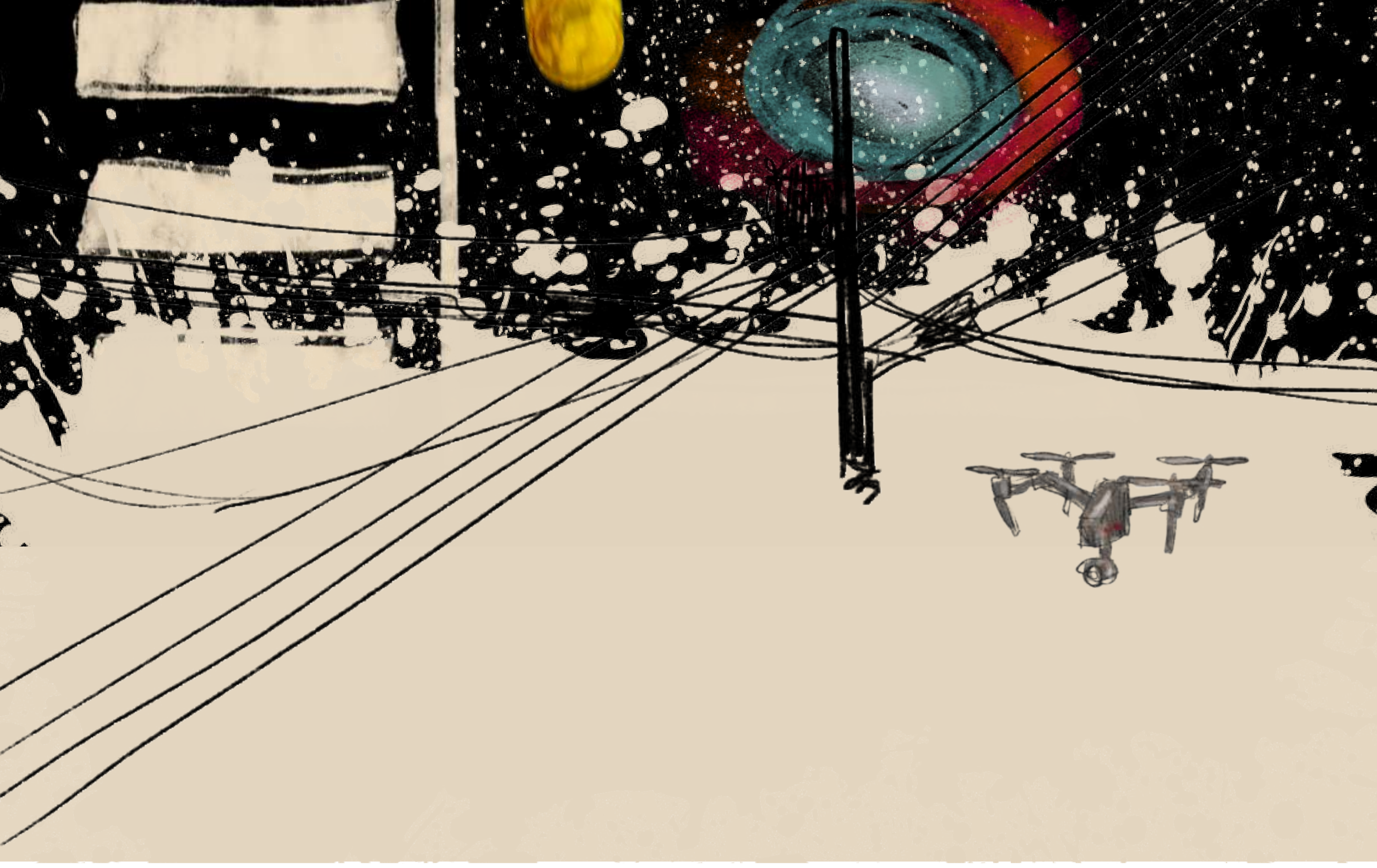
ANA CLARA
BASF

Ao refletir sobre a criação de estratégias para enfrentar o colonialismo do Estado: a corporeidade e a musicalidade são a ligação direta que o povo preto têm com África. Para nós, povo de terreiro, é algo sagrado, é um saber necessário para a sobrevivência tanto física e intelectual quanto cultural. A música e a dança são suportes emocionais e transgressores ancestrais mais que necessários em tempo de barbárie.

Já que o corpo é a própria arma, os africanos que aqui estavam passam a desenvolver códigos sofisticados de perpetuação dos ritos, das danças, dos seus costumes, das suas comidas e, principalmente, da sua espiritualidade.

Ana Clara Ferraz

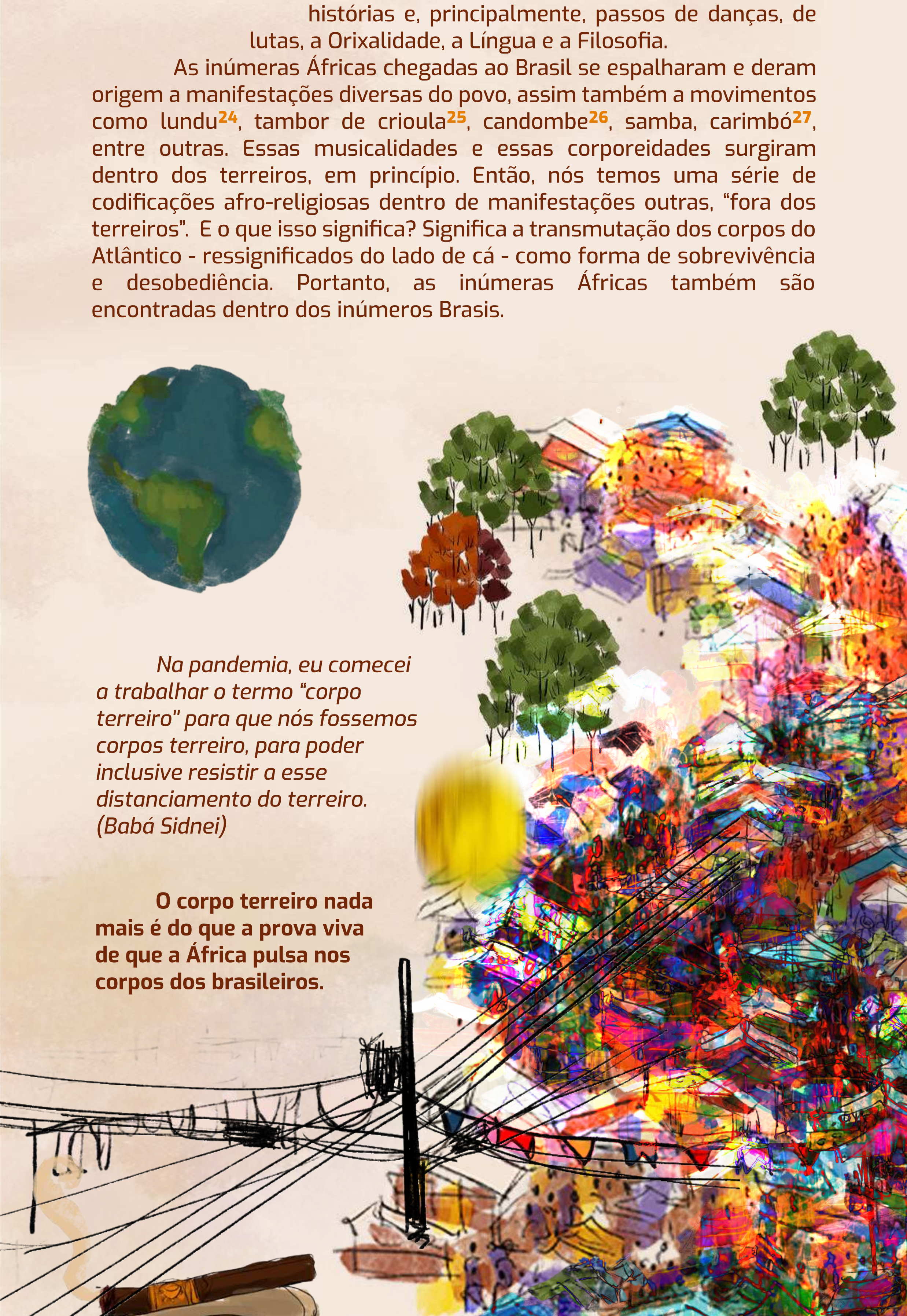
Os afrodescendentes são do cruzo, das encruzilhadas, do coro, das esquinas e da roda, dos terreiros de Candomblé, de Umbanda, de Jurema, das macumbas cariocas e das manifestações do povo; como o samba, o jongo, o maracatu, o coco, o forró, e mais recentemente, o funk.



CORPOS TERREIROS

Eu gosto de pensar no corpo negro como um mapa que, se você souber decodificar, te dá muitas informações como etnia, região, gostos e costumes. Assim, esse corpo, na travessia da grande calunga[23], trouxe muitas histórias e, principalmente, passos de danças, de lutas, a Orixalidade, a Língua e a Filosofia.

As inúmeras Áfricas chegadas ao Brasil se espalharam e deram origem a manifestações diversas do povo, assim também a movimentos como lundu[24], tambor de crioula[25], candombe[26], samba, carimbó[27], entre outras. Essas musicalidades e essas corporeidades surgiram dentro dos terreiros, em princípio. Então, nós temos uma série de codificações afro-religiosas dentro de manifestações outras, “fora dos terreiros”. E o que isso significa? Significa a transmutação dos corpos do Atlântico - ressignificados do lado de cá - como forma de sobrevivência e desobediência. Portanto, as inúmeras Áfricas também são encontradas dentro dos inúmeros Brasis.



Na pandemia, eu comecei a trabalhar o termo “corpo terreiro” para que nós fossemos corpos terreiro, para poder inclusive resistir a esse distanciamento do terreiro. (Babá Sidnei)

O corpo terreiro nada mais é do que a prova viva de que a África pulsa nos corpos dos brasileiros.

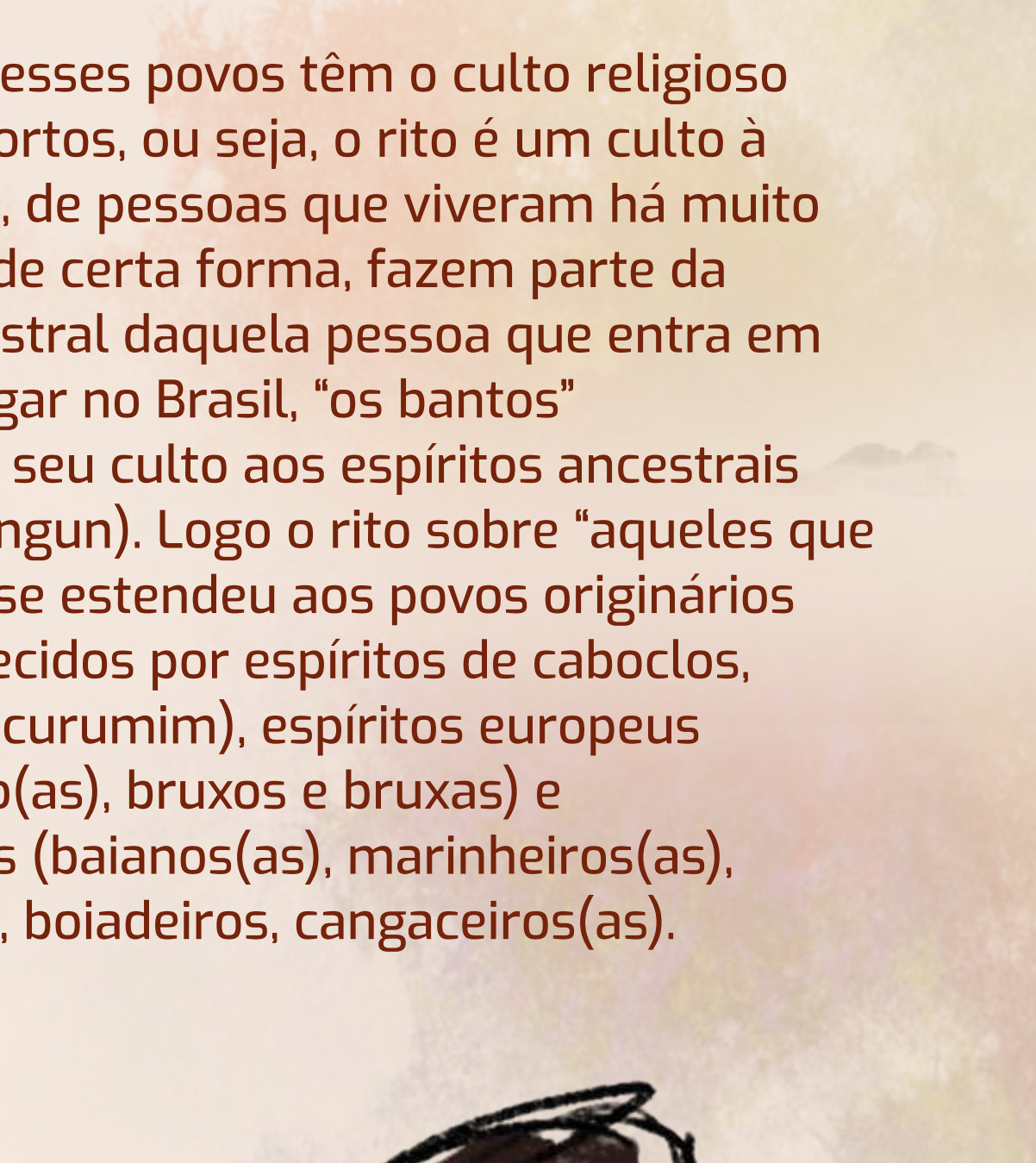
O surgimento dos diversos terreiros que temos hoje no Brasil é resultado da enorme quantidade de povos nagôs ou iorubás, um dos mais populosos trazidos para estas terras. Povos esses que deram origem ao Candomblé nagô/ketu. O candomblé existe no Brasil desde o séc XVII.

Segundo Nei Lopes[28] Candomblé, s.m. significa: “Religião brasileira de culto aos orixás iorubanos, voduns daomeanos ou *INQUICES* bantos”.

Também chegaram aqui povos fon, ewé, adja, fanti e ashanti, formando o candomblé de nação jeje que cultuam os vódús, assim como em Cuba, Haiti, Estados Unidos, Jamaica e alguns lugares do Caribe.

Outro “grupo étnico” bastante numeroso foram os bantos, trazidos de Angola, do Congo, de Gabão e Cabinda. Esses deram origem aos candomblés de nação angola, nação congo e nação bantu, que cultuam divindades chamadas de Mukixi, Nkisi, Hamba. Banto, na verdade, não são um povo unificado; banto é o nome de um tronco linguístico, ou seja, uma língua que deu origem a muitas outras. Estas eram faladas por diferentes povos tais como as línguas Quimbundo, Quicongo e Umbundo.

Muitos desses povos têm o culto religioso voltado aos mortos, ou seja, o rito é um culto à ancestralidade, de pessoas que viveram há muito tempo e que, de certa forma, fazem parte da linhagem ancestral daquela pessoa que entra em transe. Ao chegar no Brasil, “os bantos” continuaram o seu culto aos espíritos ancestrais africanos (egungun). Logo o rito sobre “aqueles que vieram antes” se estendeu aos povos originários (que são conhecidos por espíritos de caboclos, Jurema, pajés, curumim), espíritos europeus (magos, ciganos(as), bruxos e bruxas) e afro-brasileiros (baianos(as), marinheiros(as), malandros(as)), boiadeiros, cangaceiros(as).

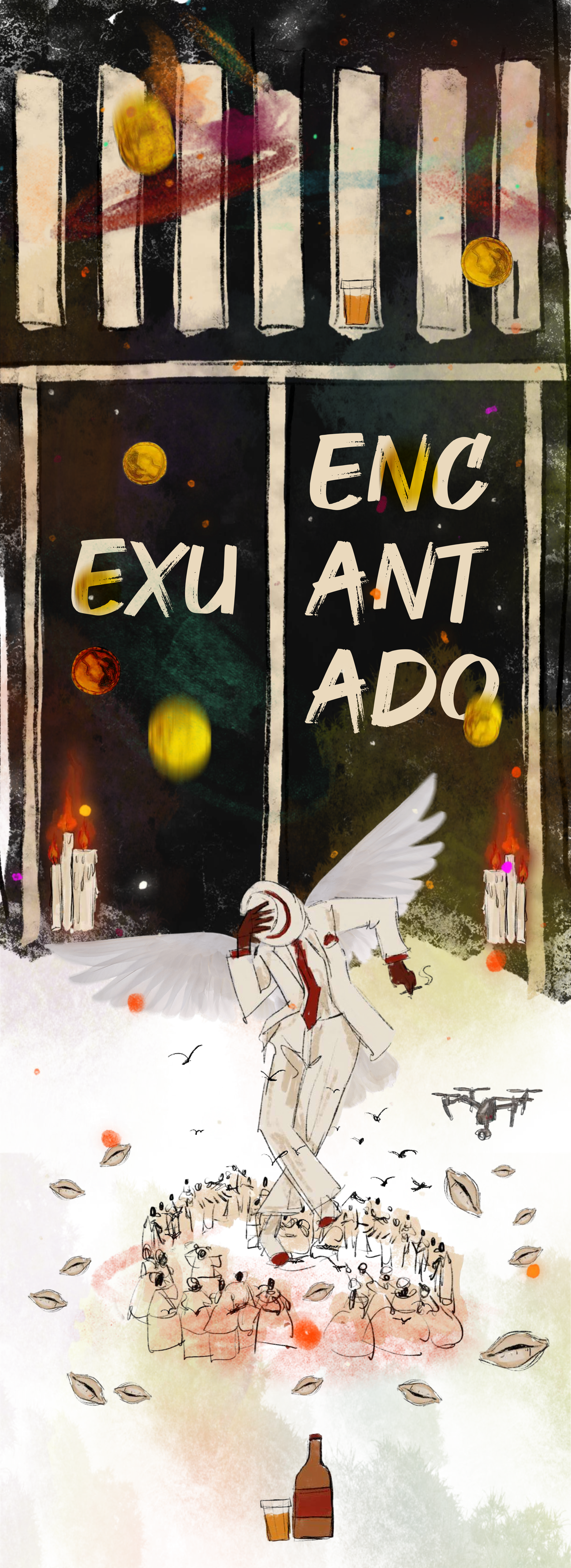


Muito se deve a esse rito africano ligado aos mortos como uma das estruturas para que uma nova religião afro-brasileira fosse criada: a Umbanda. Também ali têm-se no culto aos ancestrais a principal forma de rito.

Segundo Nei Lopes[29]; **Umbanda** significa: “religião brasileira de base africana (BH)[30], resultante da assimilação de diversos elementos, a partir do ancestrismo banto e do culto aos orixás jeje-iorubanos. O vocabulário umbanda ocorre no umbundo e no quimbundo, significando **arte de curandeiro, magia, ciência médica, medicina, em derivação talvez vinda do quimbundo banda, desvendar.**

ASSEMBLEIA
ASSEMBLEIA
ASSEMBLEIA

EXU ENCANTADO



"Eu estou aqui, porque eu me encantei.
Eu cheguei em um lugar de magia poderosa
e eu posso viver como um encantado.
Não é maldição, não é dívida.
Eu posso viver como encantado!"
(Marabo Toquinho)

Na Umbanda e em alguns Candomblés, esses ancestrais são seres espirituais chamados de entidades, seres encantados que baixam nos terreiros, dão passes, consultas, descarregos, batismo, casamentos, entre outras coisas. Por definição, a entidade significa um espírito ancestral, totalmente consciente[31], que é incorporado por uma pessoa que entra em transe. É por meio do transe que esses espíritos vão falar e executar funções através dessa pessoa.

Para o Exu entidade, muitos terreiros de Umbanda chamam a linha dos Exus de linha da "esquerda" e chamam linha de "direita" outras entidades como Preto-Velho, caboclo, erês, baianos; essa não é uma terminologia adotada por todos, isso varia de terreiro para terreiro. Na linha dos Exus existem entidades que incluem os próprios Exus, como por exemplo: Exu Capa Preta, Exu Caveira, Exu Tranca Rua, entre muitos outros. Temos as Pombagira, como: Maria Mulambo, 7 Facas, Maria Padilha, Pombagira da Estrada entre muitas outras. Os Exu mirim, como: Tranquinha, Catacumbinha, entre outros. E as Pombagiras mirins como: Ciganinha da Praia, Rosinha, entre outras. Nessa linha dos Exus, dependendo do terreiro podem vir Malandros e Malandras, Ciganos e Ciganas.

Exu Caveira, é o que abraça os imperfeitos, é o que abraça os esquecidos. (Babá Andson, 2021)

No Brasil, Exu ficou conhecido em três categorias, **Exu Orixá, Exu Entidade e Pombagira** (uma "Exu Mulher" para alguns).

"Deu meia noite, a lua se escondeu, lá na encruzilhada, dando a sua gargalhada, Pombagira apareceu" Ponto de Pombagira

As entidades Pombagira - conhecidas como "as Moças" - são figuras muito populares por serem debochadas, tendo como marcas as suas risadas e gargalhadas altas e espalhafatosas. Essas são as entidades que mais dão "bronca", falam sem pudor e muitas vezes são bem duras, porém, juntamente com os Exus, são as entidades que mais lotam um terreiro.

A gargalhada de Exu é libertadora, sabe? Por isso que quando você riu, (no começo da entrevista) eu disse: "Gostei de sua gargalhada"!! É a gargalhada de Exu!! É a gargalhada que liberta, sabe? Exu é a palavra viva e o movimento dela e como ela reverbera diante do mundo, é Exu! É essa a voz de Exu. (Babá Andson)

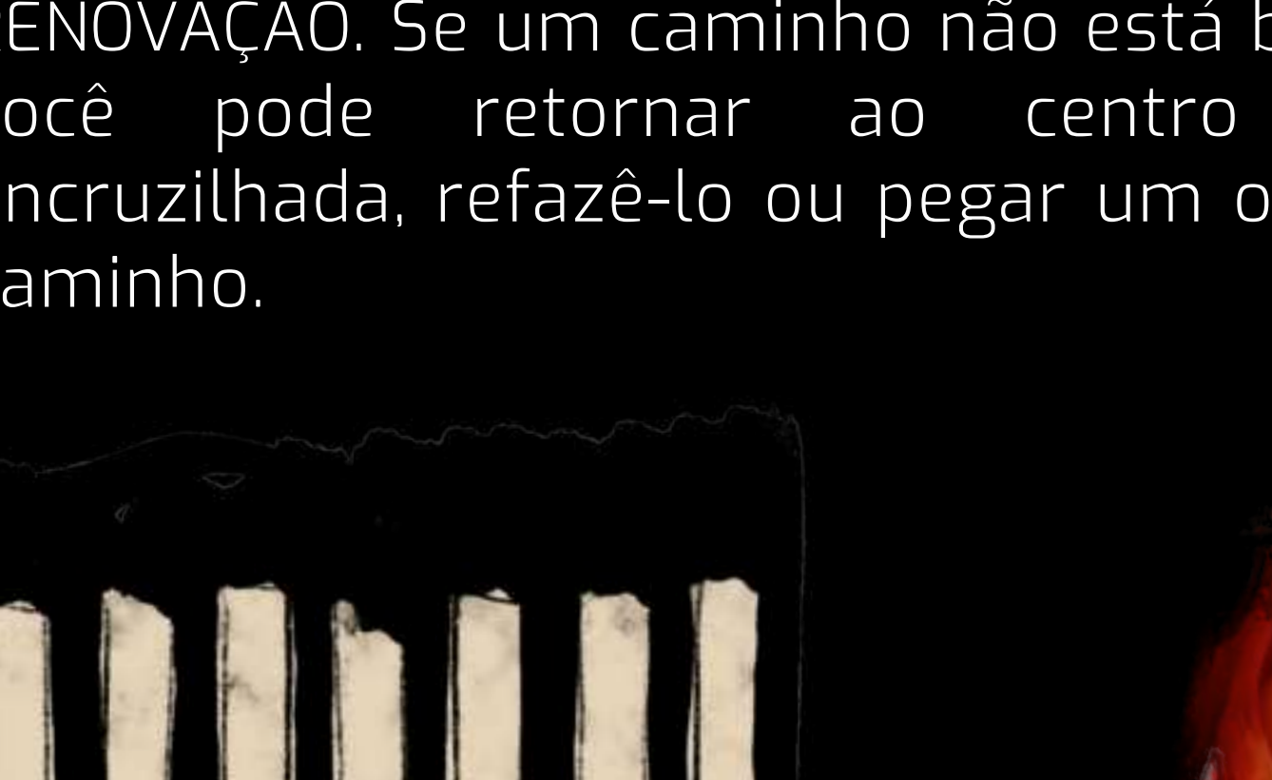
Qual é o tom dessa gargalhada? **A voz, assim como o corpo do Exu e da Pombagira tem tom de liberdade, tem o tom da emancipação dos corpos das mulheres, tem o tom de subverter a morte dos corpos negros.**

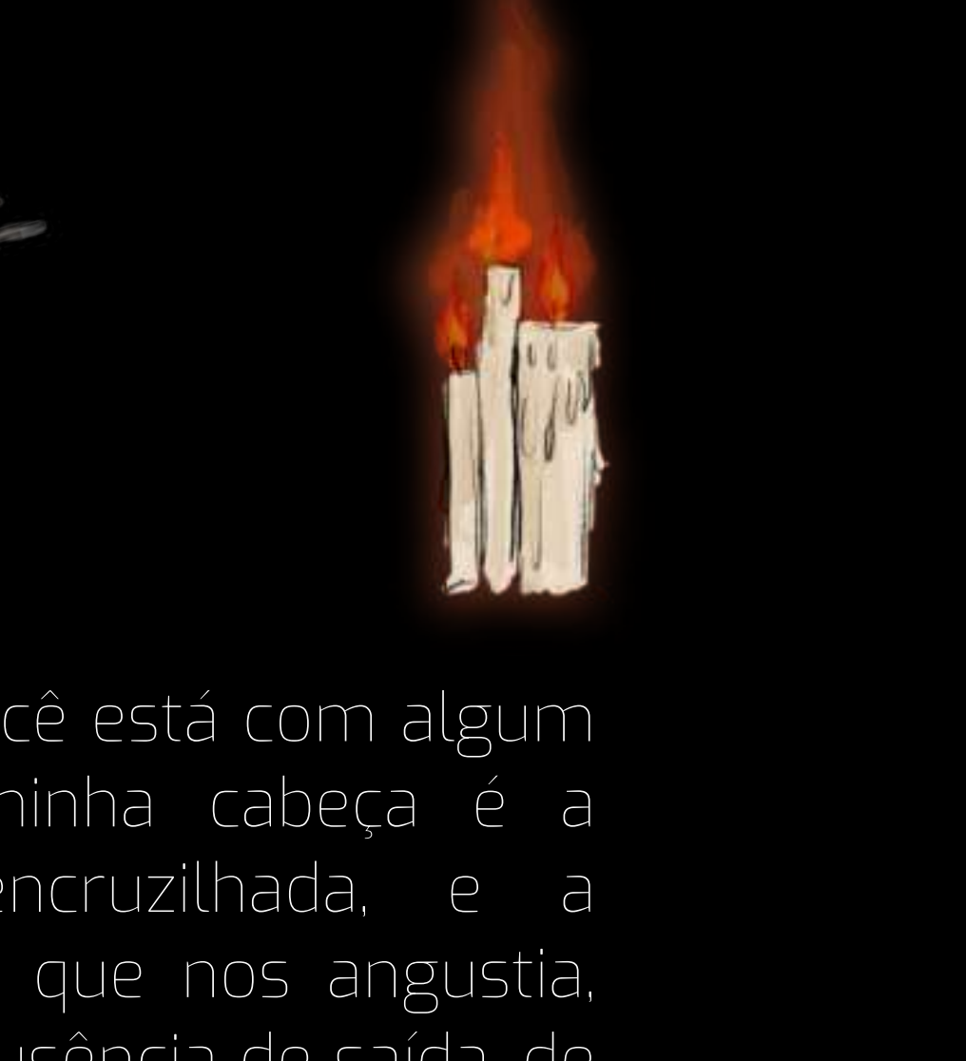
Pombagira do quimbundo *pambuanjila* (MATTA,1893 b) significa **encruzilhada**. A expressão pode literalmente ser traduzida como "cruzamento" (*mpambu*) de caminhos, estradas (*njila*)"; é a entidade cujo domínio principal são as encruzilhadas abertas (LOPES, 2020). Assim sendo, a Pombagira, hora esse ancestral africano, hora esse ancestral brasileiro, tem em seu significado literal a palavra encruzilhada; ela trás, assim como Exu, múltiplas possibilidades e múltiplas narrativas.

Quando dona Maria Padilha chega no terreiro: o povo vê aquela mulher imponente, todo mundo vem a loucura, todo mundo quer abraçar, todo mundo quer beijar, pegar na mão, todo mundo quer tocar, todo mundo quer conversar[32]. Ela tem uma voz potente, é uma voz gigante, é uma voz também doce. Minha Maria Padilha tem uma voz doce, ela aconselha na doçura e no sorriso. (Pai Andson).

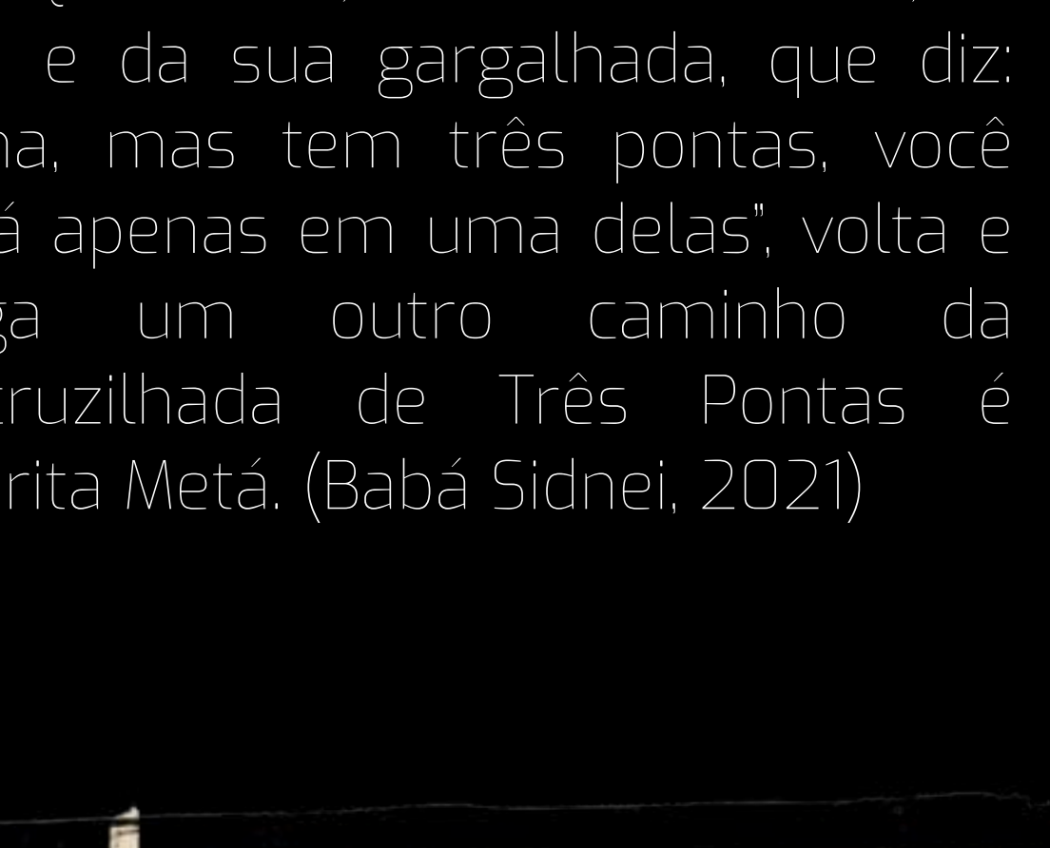
EN CRUZI LHADA
EN CRUZI LHADA
EN CRUZI LHADA
EN CRUZI LHADA

Nós que somos das encruzilhadas, desconfiamos é daqueles do caminho reto. (Simas e Rufino)

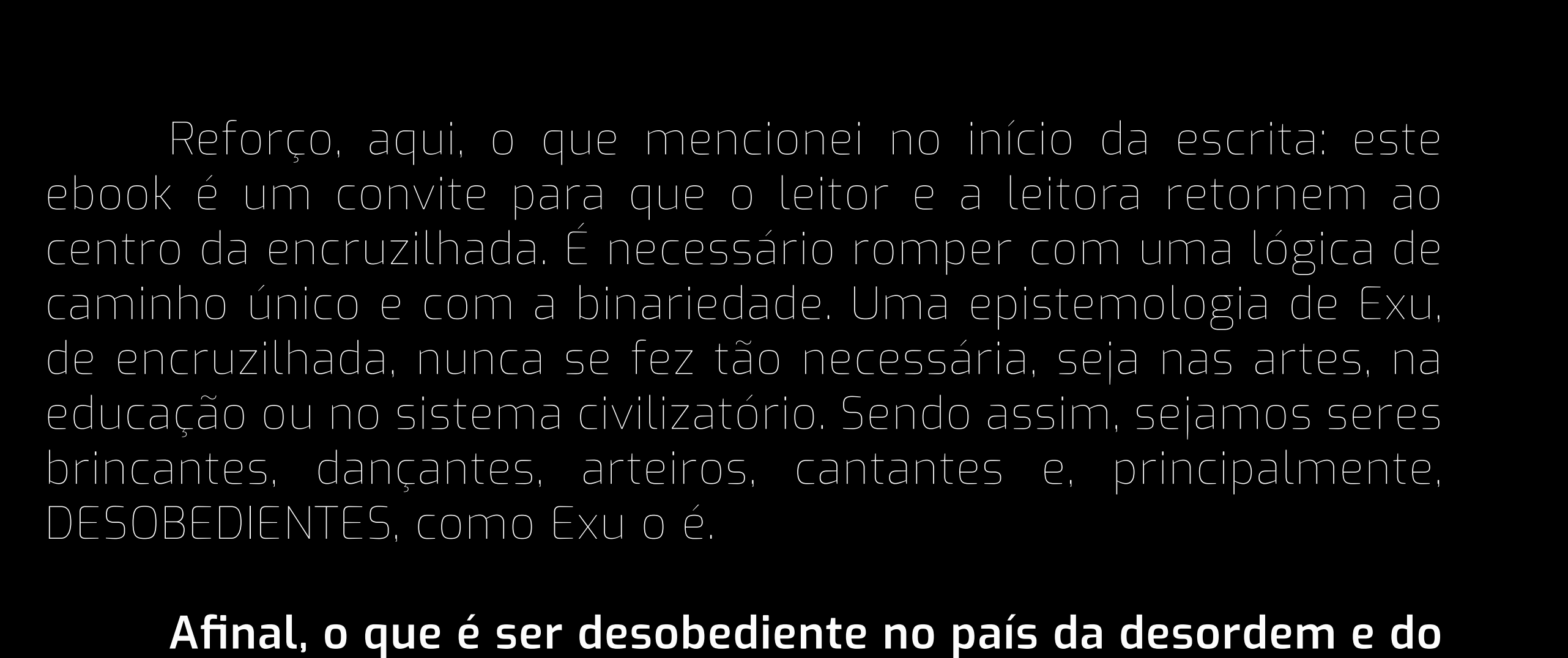




Dentro de uma epistemologia de terreiro, nós, povo de Axé, temos uma leitura de encruzilhada totalmente diferente da visão do ocidente. Para nós, a encruzilhada é sinônimo de POSSIBILIDADE, MUTABILIDADE E RENOVAÇÃO. Se um caminho não está bom, você pode retornar ao centro da encruzilhada, refazê-lo ou pegar um outro caminho.



Quando você está com algum problema, na minha cabeça é a ausência da encruzilhada, e a ausência de Exu que nos angustia, né? Quer dizer, ausência de saída, de Exu e da sua gargalhada, que diz: "Olha, mas tem três pontas, você está apenas em uma delas", volta e pega um outro caminho da Encruzilhada de Três Pontas é Ekorita Metá. (Babá Sidnei, 2021)



Reforço, aqui, o que mencionei no início da escrita: este ebook é um convite para que o leitor e a leitora retornem ao centro da encruzilhada. É necessário romper com uma lógica de caminho único e com a binariedade. Uma epistemologia de Exu, de encruzilhada, nunca se fez tão necessária, seja nas artes, na educação ou no sistema civilizatório. Sendo assim, sejamos seres brincantes, dançantes, arteiros, cantantes e, principalmente, DESOBEDIENTES, como Exu o é.

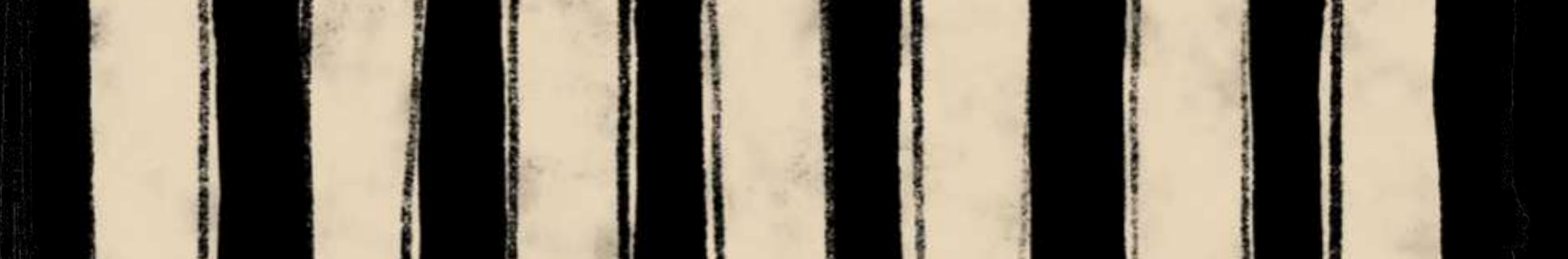
Afinal, o que é ser desobediente no país da desordem e do retrocesso?

Segundo Walter Mignolo (2008), toda mudança de descolonização política (não-racistas, não heterossexualmente patriarcal) deve suscitar de uma desobediência[33] política e epistêmica.

"Exu faz o erro virar acerto e o acerto virar erro". "Ele matou um pássaro ontem, como uma pedra que somente hoje atirou[34]". Ser desobediente hoje no Brasil é ser decolonial, antiracista, antifacista, feminista, defensora dos direitos humanos e compactuante com a natureza e com os animais.

Laroyê.

ELEGBARA ESÚ


tá mí lá win sò-ró E - sú tá mí lá win sò-ró-ó E - sú tá mí lá win sò-ró

DEDICATÓRIA

> *Estar dentro de um terreiro de candomblé é adquirir um conhecimento. Porque nós não temos uma bíblia, nós não temos um livro que você vai lá, lê e diz como é para você fazer. É oralidade e vivência. (Mãe Eleonora)*

Infelizmente, nesta existência, eu não tive a honra de conhecer a Mãe Eleonora presencialmente, a entrevista com ela foi muito fluida e tínhamos planos para o futuro, como por exemplo, o oferecimento de aulas de canto em seu terreiro. Sua partida repentina, vítima do vírus da Covid-19, pegou a todos de surpresa, pois era uma liderança espiritual muito ativa e uma empreendedora por natureza. Baiana de acarajé e de Oyá, ela estava à frente como presidenta do Ponto de Cultura Caminhos e criadora do canal no YouTube: "Hoje é dia de Tabuleiro". Seu retorno à massa de origem[35] foi em julho de 2021 e, em 2022, respeitando o luto e os rituais fúnebres de Candomblé, eu entro em contato com o Rodrigo, seu filho biológico, que é ogã[36] na Casa, para falar do projeto que eu estava desenvolvendo com a ajuda de sua mãe e de outros Pais e Mães de santo.

Ele ficou muito interessado em dar continuidade ao processo já iniciado e estava muito agradecido, pois uns dos desejo de Doné[37] Eleonora era ter a sua história de vida contada:

> *Eu tenho, eu sou escolhida por uma entidade chamada Maria Padilha. Que é uma ancestral na minha família.(...) Eu agradeço muito a ela hoje e sempre por ela existir na minha vida e na vida da minha família, dos meus. Tudo o que eu tenho, eu agradeço a Oya e a Maria Padilha. Dona Maria Padilha, ela vira no meu corpo, no meu ará [38]. A generosidade dela comigo é tanta, que ela manda recados para mim. Então eu sei o quê que vai acontecer!*
>
> **Mais ou menos há um ano, ela disse para mim: "Você tem que contar sua história". Mandou recado que eu tive que procurar pessoas para eu contar minha história. Oh, o que eu tô fazendo aqui com você e falando de Exu.** *(Mãe Eleonora)*

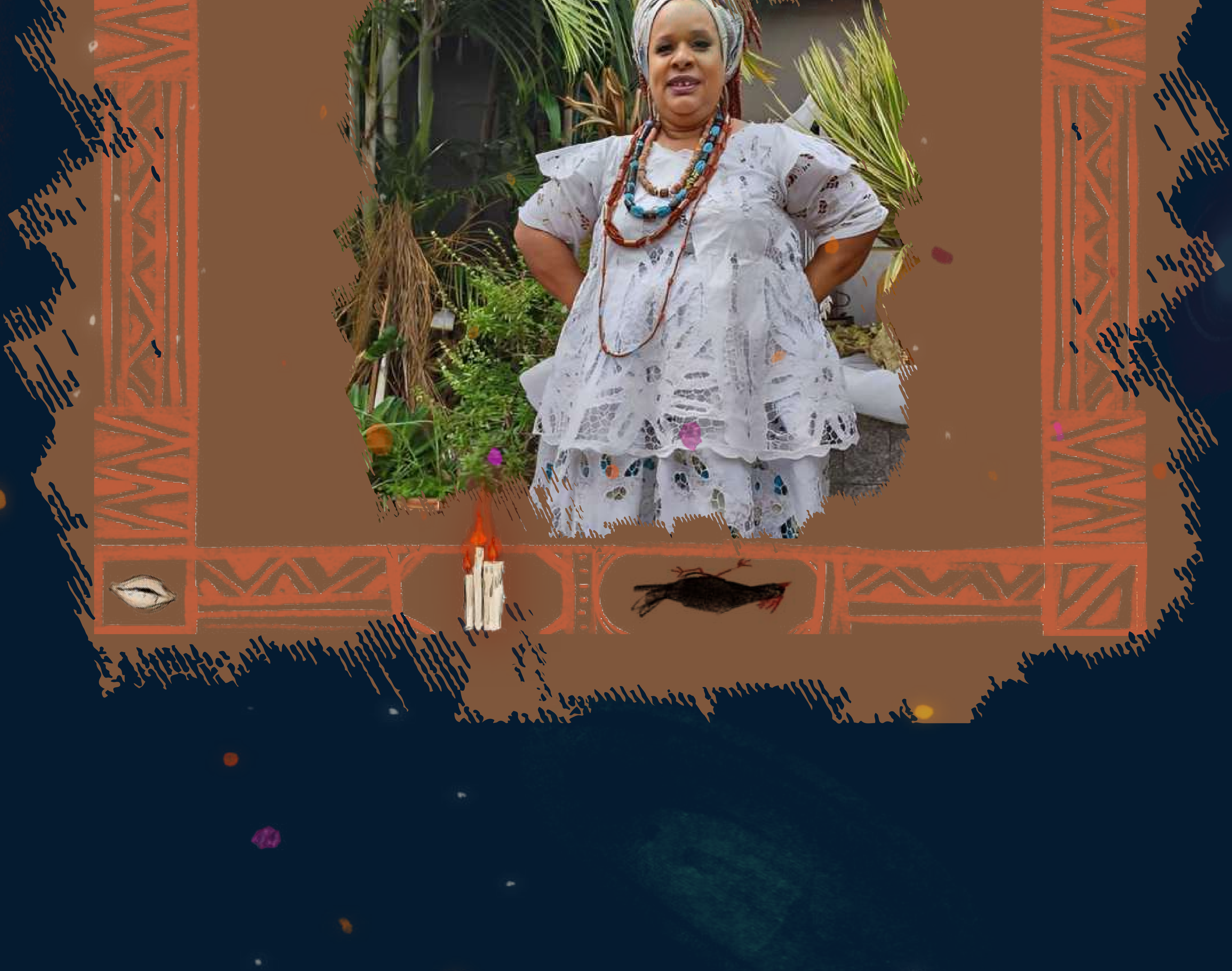
Em agosto de 2022, o Rodrigo, ao lado da ekedi de Mãe Eleonora, Isabella, nos receberam no terreiro em Hortolândia para uma conversa. Foi uma conversa entre dois planos. Todos nós nos emocionamos pois falamos sobre a Mãe Eleonora e, em vários momentos, a conversa era tomada por uma nuvem energética que rapidamente era levada por um vento; era como se ela estivesse lá conosco.

Apesar do pouco contato que tive com Mãe Eleonora, pude perceber o quanto ela é importante para a sua comunidade e como uma boa filha de Oyá, não arreda o pé para ninguém:

> *Eu também tenho a compreensão que a gente precisa falar, este é um espaço que a gente tem que ocupar e falar. Nós temos que falar de nós, para nós, entendeu? Nós temos que falar! Não é o professor, o Doutor que tem que vir no terreiro ouvir e ele falar. Quem tem que falar somos nós, entendeu? De nós! Eu vou falar de mim, você não pode, você pesquisadora vai fazer um doutorado, você falar de mim, por mim, não! Quem tem que falar de mim, sou eu, da minha prática religiosa, sou eu! Mesmo que você acredite ou não, mas eu que tenho que falar, é o meu lugar de fala! (Mãe Eleonora)*

Que a voz de Mãe Eleonora continue soprando em nós, assim como os ventos de Oyá. Que nós sejamos flexíveis e maleáveis, porém resistentes, assim como o bambuzal de Iansã.

Eparrey Oyá



NOTAS

1 "Discurso sobre ciência", estudo aprofundado sobre conhecimento adquirido por um povo ou população, ligado à Filosofia.

2 Força cósmica sagrada, que é renovada, transportada e passada dos orixás às pessoas, cada vez que os ritos no Candomblé e na Umbanda são feitos.

3 O iorubá é uma língua, mas também são povos que vivem no sudoeste da Nigéria; há igualmente comunidades de iorubás significativas em Benim, Togo, Serra Leoa, Cuba, República Dominicana e Brasil.

4 O pensamento colonial é um forma de dominação dos corpos e das mentes que existe até hoje, no pós-colonialismo, ou nas colônias modernas. Para alguns autores, esse pensamento de dominação tem a Europa como modelo de sociedade, de modernidade, de economia e de religião. Uma resposta que se tem ao pensamento colonial, é uma epistemologia calcada na deconialidade das mentes, dos corpos, das religiões e dos moldes operantes do capitalismo.

5 Quadro 1 - Os (as) entrevistados (as). (Próxima Página)

6 Quadro 2- Festas e idas aos terreiros. (Próxima Página)

7 Termo trazido pelo Baba Sidnei que eu irei explicar a seguir.

8 Tem um provérbio que diz: Aiê é o mercado e o Orun é o nosso lar. Mercado no sentido de trocas, aqui onde nós estamos agora e Orun é um mundo paralelo onde se encontra a nossa ancestralidade, os Orixás e nossa origem. É do Aiê que nós fortalecemos o Orun.

9 Ebó é magia para a restauração da ordem; há diferentes tipos de ebós para diferentes finalidades e pode se caracterizar por elementos oferendados a uma força espiritual (orixás e entidades).(Baba Sidnei, 2022)

10 Exu é o Diabo?
https://www.youtube.com/watch?v=mNUWXsTvJbE

11 O neopentecostalismo, assim como anteriormente o pentecostalismo, é um movimento dissidente do protestantismo. Foi iniciado por líderes religiosos dos Estados Unidos nos anos 1960, quando passaram a ser chamados de neocarismáticos ou evangélicos carismáticos. No Brasil, o movimento neopentecostal teve início com Edir Macedo e sua Igreja Universal do Reino de Deus, no fim dos anos 1970. Características centrais:
Prega a Teologia da Prosperidade, segundo a qual Deus reserva sucesso financeiro, saúde e realizações na vida para os cristãos.
O dízimo e a oferta conduzem à prosperidade. A lógica é: quanto mais se doa à igreja, mais sucesso está por vir.
É descentralizado e sectário, com independência entre as igrejas, sem uma figura hierárquica central, como o papa católico.
Enfatiza uma constante guerra espiritual contra a figura do Diabo e seus representantes na Terra, da cultura à política.
Usa meios de comunicação de massa, como rádios e programas de TV, para pregar sua fé e obter novos fiéis.
O neopentecostalismo é considerado a terceira onda do pentecostalismo. Desde seu surgimento, influenciou boa parte da comunidade cristã, do próprio pentecostalismo clássico ao catolicismo, que reagiu ao movimento neopentecostal com sua Renovação Carismática.
Atualmente, outros países que contam com denominações de características parecidas com aquelas adotadas pelas igrejas neopentecostais brasileiras são Nigéria, México e Coreia do Sul.

Link para matéria: A ascensão e influência das igrejas neopentecostais | Nexo Jornal © 2022 | Todos os direitos deste material são reservados ao NEXO JORNAL LTDA., conforme a Lei nº 9.610/98. A sua publicação, redistribuição, transmissão e reescrita sem autorização prévia é proibida.

12 Brasil registra três queixas de intolerância religiosa por dia em 2022; total já chega a 545 no país | São Paulo | G1
https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/07/22/brasil-registra-tres-queixas-de-intolerancia-religiosa-por-dia-em-2022-total-ja-chega-a-545-no-pais.ghtml

13 Artigo 18° - Toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião ou convicção, sozinho ou em comum, tanto em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos.

14 Cosmogonia Yorubá
https://ori.net.br/artigo15.html

15 Navios portugueses e brasileiros fizeram mais de 9 mil viagens com africanos escravizados - BBC News Brasil
https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45092235#:~:text=Isso%20foi%20desastroso%20para%20a,portugueses%20receberam%20escravos%20como%20pagamento.

16 Espalhamento de um povo pelo mundo, seja essa saída de um continente para outro à força ou não.

17 Idem nota 15.

18 Genocida é aquele que extermina e persegue um grupo específico étnico, de raça, de cultura, de religião.

19 Conjunto de lendas e de histórias do panteão iorubá.

20 Uso do poder político e social, especialmente por parte do Estado, de forma a determinar, por meio de ações ou omissões (gerando condições de risco para alguns grupos ou setores da sociedade, em contextos de desigualdade, em zonas de exclusão e violência, em condições de vida precárias, por exemplo), quem pode permanecer vivo ou deve morrer. [Termo cunhado pelo filósofo, teórico político e historiador camaronês Achille Mbembe, em 2003, em ensaio homônimo e, posteriormente, livro.]

21 *https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra*

22 A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no Brasil, diz CPI.
https://www.bbc.com/portuguese/brasil-36461295

23 Grande calunga ou calunga maior, seria o mar, nesse caso o oceano Atlântico, ao qual os escravizados foram obrigados a atravessar.

24 (1) Dança brasileira de origem africana. (2) Música que acompanha essa dança. Novo Dicionário Banto do Brasil (2020).

25 Dança afro-brasileira típica do Maranhão, executada por mulheres.

26 Devoção sincrética praticada no ambiente das congadas. Novo Dicionário Banto do Brasil (2020)

27 (1) Dança de roda do litoral paraense. (2) Tambor usado nessa dança. Novo Dicionário Banto do Brasil (2020).

28 Novo Dicionário Banto do Brasil (2020).

29 Novo Dicionário Banto do Brasil (2020).

30 FERREIRA, 1986 a.

31 A pessoa que entra em transe, pode não estar consciente na maioria do tempo quando se está incorporado, mas a entidade, o espírito são conscientes a todo tempo e têm total noção do que está acontecendo.

32 Eu tive a honra de presenciar esse momento na pesquisa de campo e Dona Maria Padilha 7 raios, é exatamente assim, sem tirar e nem pôr.

33 Desobediencia Epistémica:A opção descolonial e o significado de identidade em política- Walter Mignolo

34 Pierre Verger.

35 Termo designado por Baba Sidnei, para dizer que a pessoa retornou a sua família ancestral.

36 Tocadores de atabaques (não entram em transe).

37 Doné,cargo exclusivamente feminino do Candomblé Jeje, semelhante a Iyalorixá do Candomblé ketu.

38 Corpo.

39 Em julho de 2021, a Mãe Eleonora foi mais uma vítima do vírus da Covid-19. O Rodrigo é Ogã e filho biológico da Mãe Eleonora.

NOTAS QUADROS

5. Quadro 1 - Os (as) entrevistados (as)

Doné Eleonora de Oyá Hortolândia-SP (in memoriam)	Eleonora Aparecida Alves de Souza Domingos, era Yalorixá, baiana de acarajé e empreendedora. Iniciada há 49 anos no candomblé, estava à frente do ILÊ ASÉ OMO OYA BAGAN ODÉ IBÔ fundado em 1994.	Entrevista online, realizada no dia 14/04/2021 às 10h.
Mãe Miriam Omi Koya Campinas-SP	Miriam de Cassia Medes, é filha de santo do babalorixá mais antigo da cidade de Campinas, o Babá Toloji. O terreiro de Mãe Miriam é conhecido por muita resistência e resiliência, por se localizar no coração da cidade e por já ter enfrentado vários ataques racistas e de intolerância religiosa.	Entrevista presencial, realizada no dia 16/04/2021 às 15h.
Baba Sidnei de Xangô Suzano-SP	Sidnei Barreto Nogueira, é Babalorixá no terreiro Ilê Ase Sàngó, Doutor pela USP em Semiótica e Lingüística Geral (2008) e autor do livro "Intolerância Religiosa" (Feminismos Plurais de Djamila Ribeiro). Pólen Livros. Edição do Kindle (2020). Babá Sidnei é uma das vozes mais importantes e influenciadoras da atualidade na luta anti racista dentro e fora dos terreiros.	Entrevista online, realizada no dia 25/05/2021 às 14h.

Fonte: Elaborado pela autora

6. Quadro 2- Festas e idas aos terreiros

Campo	Festa	Data e Local
Mãe Miriam de Oxum	Iniciação em Exu do iao Marcos e obrigações de Oyá de Oyá Nire- Odún méta (3 anos) e Oyá Temi Láyó- Odún kan (1 ano)	02/01/2022 - Campinas - SP
Babá Sidnei	Águas de Oxalá e Pilão de Oxaguiã	20/03/2022 - Suzano - SP
Babá Sidnei	Festa de Oxossi e obrigações de 3 e 21 anos	30/04/2022 - Suzano - SP
Babá Sidnei	Festa de Exu e Pombagiras	14/05/2022 - Suzano - SP
Ogã Rodrigo[39]	Visita ao terreiro de Mãe Eleonora	27/08/2022 - Suzano - SP
Babá Sidnei	Festa de Obaluaie, Olubajé	27/08/2022 - Suzano - SP

Fonte: Elaborado pela autora

AGRADECIMENTOS

À minha família:

Agradeço à Dona Cida, minha avó, que ainda na minha infância me deu um manual de sobrevivência e de lições. Agradeço à minha mãe, Luiza, por ser o meu modelo de mulher negra e por nunca ter me deixado faltar nada. Agradeço ao meu pai, Cândido, por ser extremamente presente e por não ter medido esforços juntamente com minha mãe para dar a mim e ao meu irmão um estudo de qualidade. Agradeço ao meu irmão Marcos, por sempre ter acreditado nos meus devaneios e nos meus sonhos. E, por fim, agradeço ao meu parceiro Wagner que está comigo desde o começo das minhas pesquisas e só ele e Exu sabem do caminho que eu percorri até este momento.

Agradeço ao meu Pai de Santo e meu professor, com quem eu aprendo todos os dias, Sidnei de Xangô. Agradeço à família CCRIAS, pois sem eles e sem Xangô nada disso seria possível.

Agradeço à Paula, minha orientadora, pelo olhar carinhoso e generoso sobre a minha escrita.

Agradeço à Universidade Estadual de Campinas, que é minha morada acadêmica desde 2014.

Agradeço ao Programa de Ação Cultural - Proac, que tornou esse material possível.

Axé.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

?COSMOGONIA YORUBÁ: **A CRIAÇÃO E A SEPARAÇÃO DO MUNDO.** Disponível em: <https://ori.net.br/artigo15.html>. Acesso em 2 de ago. 2022.

Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948. **Liberdade de Religião ou Crença**. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/liberdade-de-religiao-ou-crenca/institucional> Acesso em: 30 ago. 2022.

ESCÓSSIA, Fernanda. **A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no Brasil, diz CPI**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-36461295> Acesso em: 21 set. 2022.

LOPES, Nei. **Novo Dicionário Banto do Brasil**. 2ª ed.-Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

MIRANDA, Eduardo O. **Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência**. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32375> Acesso em: 23 maio 2022.

PAULUZE,Thaiza. **Brasil registra três queixas de intolerância religiosa por dia em 2022; total já chega a 545 no país**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/07/22/brasil-registra-tres-queixas-de-intolerancia-religiosa-por-dia-em-2022-total-ja-chega-a-545-no-pais.ghtml> Acesso em: 30 ago. 2022.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRUDENTE, Eunice. **Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra**. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra> Acesso em: 5 ago. 2022.

ROCHA, Camilo. **A ascensão e influência das igrejas neopentecostais.** Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2020/04/19/A-ascens%C3%A3o-e-influ%C3%AAncia-das-igrejas-neopentecostais> Acesso em: 28 jun. 2022.

ROSSI, Amanda. **Navios portugueses e brasileiros fizeram mais de 9 mil viagens com africanos escravizados.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45092235#:~:text=Isso%20foi%20desastroso%20para%20a,portugueses%20receberam%20escravos%20como%20pagamento. >Acesso em: 6 set. 2022.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Fogo no Mato**. A Ciência Encantada das Macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

ENTREVISTAS

DOMINGUES, Eleonora. **Entrevista concedida à Ana Clara da Silva**. Online, 14 abr, 2021

MEDES, Miriam. **Entrevista concedida à Ana Clara da Silva**. Campinas- SP, 16 abr. 2021.

NOGUEIRA, Sidnei. **Entrevista concedida à Ana Clara da Silva**. Online, 25 mai. 2021

SANTOS, Andson. **Entrevista concedida à Ana Clara da Silva**. Online, 13 abr. 2021

POSFÁCIO
PAULA CARUSO

Este ebook é um recorte do Mestrado em Artes da Cena, do Instituto de Artes da Unicamp, da autora Ana Clara Ferraz.

Ana é minha primeira orientanda de mestrado. E aqui, parafraseando o educador Paulo Freire: "a gente não só ensina, a gente aprende ensinando".

Pois ela me ensina a cada orientação e lhe agradeço por isso. Conheci Ana ao longo do processo do mestrado e ela me revelou, aos poucos, os seus vários atributos: cantora, capoeirista, escritora, compositora, intérprete, criadora, pesquisadora, professora, produtora e, sobretudo, guerreira, destemida e questionadora!

Quando lhe perguntei qual orixá queria investigar no seu estudo sobre "a integração do corpo e da voz no candomblé", ela me disse com convicção: "Exu, pois ele tem tudo a ver com o nosso país, principalmente, na atualidade"!

Concordo com ela e as pesquisas realizadas para este trabalho confirmaram isso.

No "Brasil das esquecidas e dos esquecidos", Exu é a entidade/orixá que nos ensina a nos abrir para novas possibilidades. " Exu (...) abraça os esquecidos" como disse Babá Adson na sua entrevista à autora.

Babá Adson, Babá Sidnei, Mãe Miriam e Mãe Eleonora foram entrevistados/entrevistadas por ela que, em seguida, realizou inúmeras idas aos seus respectivos terreiros, nas festas de determinadas entidades e orixás.

Ressalto aqui que, como foi escrito na introdução deste ebook, o método utilizado nestas vivências de campo, tanto para a preparação da pesquisadora como para a análise dos dados coletados foi o método de pesquisa e criação em Dança, Bailarino - Pesquisador - Intérprete (BPI). Este método foi criado pela Profa. Dra. Graziela Rodrigues e prima pelo respeito às pessoas investigadas e pela formação de uma relação de confiança e empatia entre elas e a(o) estudiosa(o).

E isso aconteceu neste estudo. A autora foi muito acolhida por todas as pessoas do campo. Gradativamente, foi sendo construída essa relação entre ela os babalorixás, as ialorixás e as suas filhas/os seus filhos de santo.

Tanto que, um dos babalorixás investigados, Babá Sidnei Nogueira, aceitou prontamente escrever o prefácio deste ebook, fazer a revisão do seu conteúdo e participar da banca de qualificação do mestrado de Ana, o que foi um presente para nós, pois não é em qualquer banca de qualificação que se tem como avaliador um Doutor e Pai de Santo de Candomblé.

Por fim, espero que este e-book cumpra um dos seus principais objetivos: o de ajudar na desmistificação da figura de Exu, tão massacrada pela intolerância religiosa ainda presente no nosso País.

Desejo também que as palavras poéticas de Ana, as belas ilustrações do artista e pesquisador Breno Loeser e os depoimentos singulares dos babalorixás e das ialorixás sensibilize quem o apreciar.

Exu é aquele que abre a gira nos terreiros! Que este ebook sobretudo gere movimento, vida, consciência e transformação nas pessoas que o lerem!

Laroyê!
Paula Caruso

Projeto realizado com o apoio do Governo de
São Paulo e da Secretaria de Cultura e Economia Criativa
Programa de Ação Cultural - ProAC 21/2021

PROAC EDITAIS
PROGRAMA DE AÇÃO CULTURAL SÃO PAULO

APOIO

UNICAMP

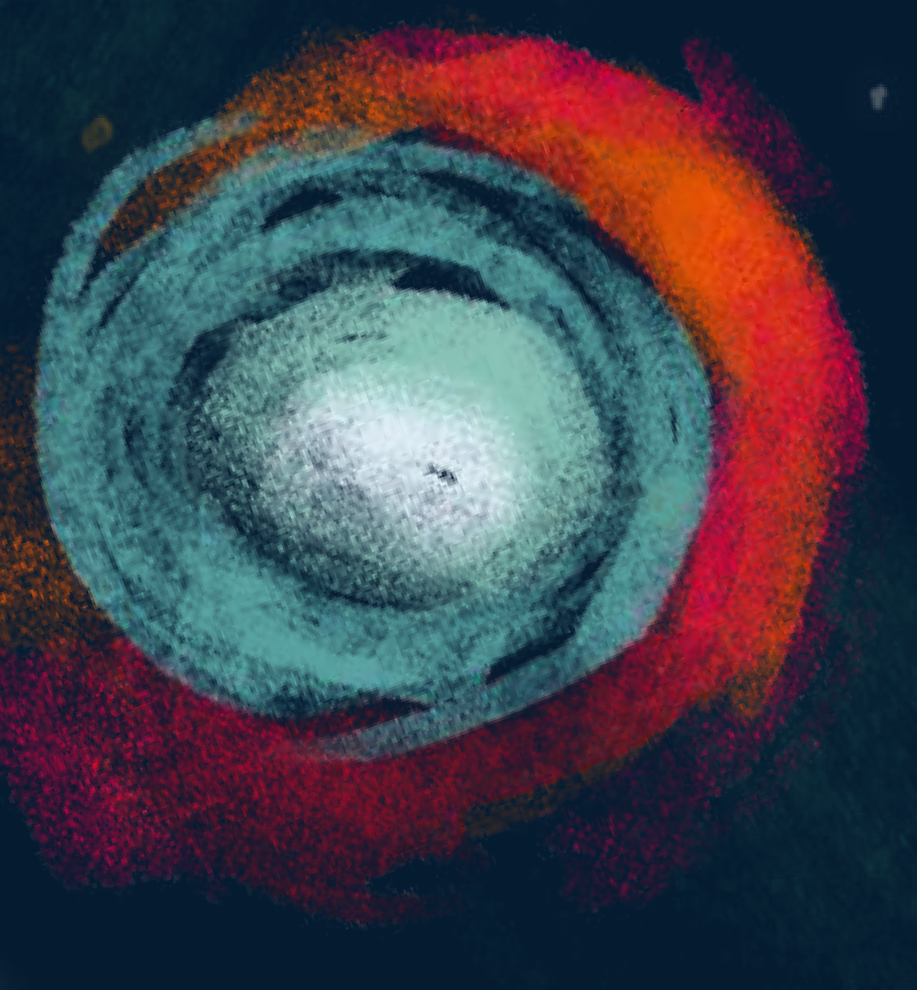
ILE ARA

CCRIAS

REALIZAÇÃO

ORIN

Núcleo BPI

SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria de Cultura e Economia Criativa